

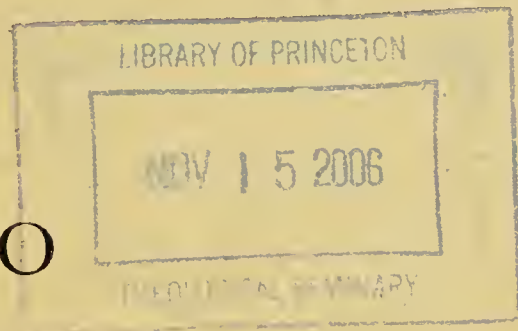
Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci3510unse>

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

- O que significa a Morte?
- Filosofia da História — Os Fins não justificam os Meios
- A Angústia do Viver
- «Experiências» na Televisão...
- A Federação Espírita Internacional e seu órgão
- Artilharia Cósmica da Terra ataca a Lua, ameaçando Vênus e Marte
- Abraham Lincoln e o Espiritismo
- Memórias de um Espírita Baiano
- Deus não marca ninguém
- João Custódio Machado
- Crônica Estrangeira
- Bibliotéca Espírita «Braille» Liberal Del Picchia
- Espiritismo no Brasil

Redação

*Carlos Imbassahy
Arnaldo S. Thiago
Deolindo Amorim*

Cícero Pimentel

*V. O. Casella
Clêmens
Leopoldo Machado
v. Irienedo
Ismael Gomes Braga
Redação*

*Henrique Conde
Redação*

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.^a edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 10,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr. \$ 80,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.^a edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 10,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.^a edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. \$ 10,00 e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Natal dos Pobres

CONFORME a tradição de mais de 50 anos, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», de Matão, mais uma vez, vai realizar êste ano o Natal dos Pobres, aqui instituido, por Cairbar Schutel, para festejar cristãmente a data do nascimento de Jesus.

Como nos anos anteriores, essa solenidade constará de distribuição de gêneros alimentícios e roupas aos necessitados e desprotegidos com o fim de ajudá-los a passar o Natal com alguma alegria, sentindo a solidariedade de todos os homens de boa vontade e de espirito caridoso.

Contamos, para tanto, com a colaboração geral de tôdas as criaturas de coração bem formado, no sentido de prestarmos homenagem a Jesus, auxiliando os pobres e humildes, que o Mestre sempre distinguiu com a sua proteção.

Assim é que estamos nos dirigindo a todos os amigos, de alma caridosa, solicitando a sua contribuição para a festa do Natal dos Pobres, que poderá ser enviada em dinheiro, ou em gêneros, tecidos e roupas.

A Comissão agradece antecipadamente e pede a Jesus recompensar a todos os que responderem ao seu apelo.

Matão, outubro de 1959

A COMISSÃO

<i>Chiquita Fonseca</i>	<i>Zélia da Silveira Perche</i>
<i>Antoninha Perche Campêlo</i>	<i>Leonor da Cruz Jorge</i>
<i>Rosa Fonseca Fratini</i>	<i>Clotilde Cunha</i>
<i>Anita Sampaio Miniucci</i>	<i>Edni Gonçalves</i>
<i>Isabel Perche Camargo</i>	<i>Donata Casadei de Oliveira</i>
<i>Leticia M. Olson</i>	<i>Jurací Pedro</i>
<i>Dinice da Rocha B. Mariani</i>	<i>Dalva Damazio</i>

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

O que significa a Morte ?



O decorrer dos séculos, a morte tem sido o enigma tétrico das gerações, o «Anjo Negro» que tem apertado o homem entre suas garras geladas. Em volta dela a ortodoxia teceu um

manto de superstições, denegrindo o seu sentido, afirmando ser ela a consequência do *pecado original*—o primeiro homem desobedeceu, há seis mil anos, uma ordem divina e Deus o ferira de morte. Veio depois outra cogitação teológica igualmente fundada sobre conjecturas, o complicado plano da redenção para reintegrá-lo na graça perdida. A seguir apareceu o batismo para apagar o pecado original, mas a maldição (*morte*) persiste e, apesar de tôdas as esperanças de certa imortalidade, permanece o fato de nada infundir tanto pavor à humanidade como a morte e os cemitérios continuam a ser os lugares mais banhados de lágrimas. Todos têm horror ao Titan invencível e ninguém escapa à sua vinda. Daí, a ânsia de afastar, a todo transe, êsse momento, além dos limites naturais. Napoleão já dizia : «Os padres e médicos tornam a morte dolorosa». E Bacon escreveu : «*Pompa mortis magis terret quam mors ipsa*».

Tratemos, pois, de encarar a morte como ela realmente é, despida dos terrores da imaginação.

A existência terrestre não passa

de uma etapa na longa via evolutiva. O espírito é imortal, existiu antes da vida física e continuará a existir depois da dissolução do corpo.

Para que o espírito possa agir no plano material, êle se apropria de um instrumento, de um veículo de expressão que lhe permite entrar em contato com o ambiente material.

Entre espírito e corpo material há um liame intermediário, sem o qual não haveria reação mútua—o perispírito, corpo etérico ou corpo espiritual de São Paulo.

O homem terrestre é um ser dual, possui um corpo espiritual que interpenetra o material. Os dois são animados pelo mesmo espírito, um é a duplicata do outro, pois são ambos a expressão do mesmo espírito mas os defeitos, deformidades que o material venha a adquirir no curso de sua jornada terrestre, não se reproduzem no perispírito, que também não está sujeito à decadência e decrepitude, mas conserva seu meio termo normal durante tôda eternidade.

Aqui temos, portanto, o corpo em duplicata, o material e o etéreo, o primeiro transitório, permanente o segundo.

O corpo etéreo, ou perispírito, se ajusta ao futuro estado de existência, como o nosso corpo material se adapta à vida terrestre, de modo que êste último é impróprio à manifestação do es-

pírito em o mundo espiritual (o que está de acôrdo com São Paulo—«a carne e o sangue não herdarão o reino do céu»). Esse outro médium de manifestação não é um ser vaporoso ou coisa não substancial, mas muito real e efetivo, apesar de escapar à apreciação dos nossos sentidos físicos.

A jornada terrestre é acidentada, a luta é árdua e chega um momento em que o instrumento se desgasta, tornando-se impróprio ao prosseguimento da vida; dá-se a ruptura de relações entre perispírito e corpo material, e rôtta a conexão entre a matéria física e o elemento psíquico, sobrevem a partida do espírito — a morte.

A morte separa o espírito do corpo, desliga o psíquico do material e aquêle continua naturalmente a agir em outro plano, por meio dêsse outro veículo de expressão eterna — o perispírito, mas êste já não é perceptível aos nossos sentidos físicos, que só vibram de harmonia com estímulos mais grosseiros.

A morte não é extinção, mas simplesmente uma subtração à nossa vista. A vida é infinita, o espírito que chega ao fim de sua jornada terrestre, não concluiu a sua evolução. Pouco valeria a perfeição sé a virtude e o desenvolvimento intelectual se resumissem ao que podemos conquistar na terra.

Além e acima da terra há mundos gradativamente mais adiantados, pelos quais têm de passar os que já fizeram o curso preparatório da terra.

O Espiritismo conduz ao conhecimento e compreensão. Êle aponta a estrada que leva através e além da morte e revela uma porta, onde só havia um ponto final. O mundo tem premente necessidade da mensagem que só o Espiritismo pode fornecer. O que sucede para lá da porta da morte tem uma positiva influência na existência de povos e nações. Precisamos saber qual o objetivo das nossas lutas, sofrimentos e saudades e qual a finalidade dos nossos esforços.

O Espiritismo não é uma adoração mórbida de sepulturas, mas a filosofia da vida. Êle desfaz tôda superstição que envolve o túmulo e, em seu lugar im-

planta um conhecimento da morte que pode ser provado à luz da experiência e da razão.

O homem veio à terra, com o propósito de desenvolver sua individualidade. Esta terra é a classe preparatória, o período de provas para adaptá-lo a uma existência mais elevada. Incompleta e pouco satisfatória é a vida no mundo físico. Iludimo-nos, quando pensamos que terminamos a nossa evolução. O período terrestre é demasiadamente curto para atingir algo digno de aprêço. Mas o homem leva consigo tôdas as aquisições, menos seu corpo físico e o que pertence à vida material. O Espiritismo não se baseia sôbre uma fé cega, mas sôbre fatos.

Graças ao Espiritismo, a morte já não é o enigma indecifrável. O Anjo Negro, mas sim, o Anjo do Livramento, a porta que introduz o viajor fatigado das lides terrenas, na vida mais ampla e venturosa. O Prof. Charles Richet, em carta que escreveu ao saudoso Cairbar disse: «Comme vous avez raison d'étudier le mystère de la mort e la métapsychique. *Mors Janua Vitæ*».

A perspectiva do homem relativamente ao maior acontecimento de sua existência está sofrendo profunda transformação. As lágrimas derramadas junto às sepulturas provinham do fato de ter sido encarada a morte segundo sua aparência.

Mas, a morte revelou-se, não um inimigo do homem, mas como um anjo bondoso que guia o peregrino exausto pelo trabalho, através da quietude de ligeiro repouso, para a luz de uma nova e eterna manhã. A morte é promoção à vida superior... Verdadeiramente, «tragada foi a morte na vitória», não por meio de textos, credos, artigos de fé ou esperança irrealizável, porém, pelo intercâmbio com nossos parentes e amigos que passaram pela porta e voltaram para nos afirmar que a morte é a entrada para a Vida Eterna.

Disse Sir Oliver Lodge :

«A morte nos desata do fardo da carne, nos introduz na gloriosa companhia dos que nos precederam e nos abre um majestoso panorâma de amor e de serviço».

Filosofia da História

OS FINS NÃO JUSTIFICAM OS MEIOS

II

Danton e Robespierre encontram-se numa entrevista, porém não chegam a bom termo. Aquêles declarava que estava farto de sangue, que preferia ser guilhotinado a guilhotinar. E foi o que sucedeu. Com êle perderam a cabeça Lacroix, Philippeaux e Desmoulins.

Peço perdão a Deus e aos homens, dizia êle, a grande fera do passado.

Uma só carrêta levará-os todos. Desmoulins debatia-se em vão, enquanto o povo o insultava. Já no cadafalso, Herault quis abraçar Danton; o carrasco os separou.—Bruto—diz-lhe Danton—tu não impedirás que daqui a pouco nossas cabeças se beijem no mesmo cesto. Tinha rasgos até nas portas do outro mundo.

E as últimas lembranças daquele homem, grande na desgraça como no crime, foram para a mulher e para o filho que tanto amava. Outros, também, que amaram como êle, deixaram mulher em pranto e filhos órfãos. Como isto não lhe ia doer nas plagas da Eternidade!

E a ceifeira foi continuando seu serviço.

Dillon, os ajudantes de campo de Ronsin, o general Beysser, a viúva de Hebert, a de Desmoulins...

A viúva Hebert declarou que ia enfim ver-se livre do mundo, pois era triste amar um homem que era odiado por todos. A mãe de Lucilia Desmoulins escreveu inutilmente a Robespierre pedindo a salvação da filha, em nome do laço de amizade que os unia. Robespierre não tugia.

Hoche, vencedor das tropas coligadas, enchia de glórias o exército francês. Robespierre e Saint-Just temem o seu prestígio, chamam-no e mandam-no à guilhotina.

A essa altura as tropas francesas invadiam os países inimigos, e enquanto se enchiam elas de louros, as prisões do país se enchiam de infelizes. Ao fim de curto tempo já nem se podiam contar as cabeças que caíam. Chorar um

parente, enternecer-se, desviar os olhos de uma cena hedionda, era um convite certo para a morte. Os assassinos tinham que ser aplaudidos e louvados.

O bispo Lermourette, honrado homem, é mal visto pelos realistas por ter aderido à causa republicana; e foi guilhotinado por ser contra a guilhotina.

Condorcet consegue esconder-se e na sua lura ainda escreve sobre «o aperfeiçoamento do gênero humano». Mas teve o descoco de vir apreciar a natureza. Não durou muito o seu enlêvo pois logo o apanham e êle suicida-se.

O virtuosíssimo Malesherbes é condenado por ter defendido o rei. Quando lhe perguntaram porque ousara, no processo do rei, ter sido o seu advogado, respondera — pelo desprezo que tenho da morte. Seguiu-o no cadafalso tôda a família. E depois dêle fôra Clery, que tivera palavras de consôlo para o rei, e Luckner, a quem já tinham esquecido, e Mazuer, que quis salvar Petion; e as glórias da literatura, e os membros do Parlamento, e os notáveis das finanças, e funcionários do Govêrno, e magistrados, e beneméritos... A enxurrada mortífera levava tudo.

E Lamartine escrevia: — «Os velhos paráliticos seguiam os filhos, os filhos os pais, as filhas as suas mães. Êste morria por seu nome, aquêle por sua fortuna, tal por ter tido uma opinião, tal por seu silêncio, tal por ter servido à realza, tal por ter lamentado os Girondinos, tal por ter sorrido à clemência de Danton, tal por ter emigrado, tal por ter ficado, tal por não ter expendido as rendas, tal por haver luxado».

Forjavam-se pretextos, inventavam-se crimes para haver direito às propinas prometidas aos delatores.

As carrêtas aumentavam dia a dia. Elas iam para a Praça da Revolução, mas os algozes esticavam o itinerário o mais que podiam, afim de que o povo pudesse extasiar-se com a procissão macabra.

«Nesses carros fúnebres, muitas vêzes se achavam marido e mulher, pae e filhos, mãe e filhas. Êsse rostos lacrimosos que se contemplavam mutuamente, com a ternura suprema do último olhar, essas jóvens cabeças apoiadas nos joelhos maternos, essas frentes caídas, como para haurir fôrças, no ombro dos maridos, êsses corações que se comprimiam junto a outros corações que iam deixar de bater, êsses cabelos brancos, êsses cabelos louros cortados pela mesma tesoura, essas frentes veneráveis, essas cabeças encantadoras, dentro em pouco ceifadas pela mesma lâmina, a marcha lenta do cortejo, o ruído monótono das rodas, o sabre dos gendarmes, formando uma sebe de ferro em tórno das carrêtas, os apupos da população, essa vingança fria e periódica que se acendia e se extinguia à hora fixa, nas ruas onde passava o cortejo, imprimiam a essas imolações algo mais sinistro que o assassinio, porqué era o assassinio dado em espetáculo e gozo a todo um povo».

Em poucos mêses foram decepadas quatro mil cabeças. E que nomes se viam entre as vítimas! Montmorency, Noailles, La Rochefoucauld, Mailly, Monchy, Lavoisier, Sombrenil, Montalbert, Andre Chénier, Gramont, Cle-mont-Tonnerre, e por aí vai...

Parece que não sobrou um nome ilustre, uma pessoa digna.

Era mais que idiondo.

Houve duas execuções que espantaram mais que as outras, se é que ainda havia que espantar naquela época tenebrosa.

Em 1791, Verdun fôra tomada pelos prussianos, que ali iam como libertadores. Houve um baile para o qual as jovens foram convidadas, e a que muitas compareceram, ou por mêdo, ou por serem jovens. Retomada a praça pelos republicanos, êstes foram buscar essas jovens, muitas das quais compareceram à festa por obediência aos pais, e levaram-nas à guilhotina.

Estavam vestidas de branco; eram ainda mais formosas nos seus rostos pálidos e tristes, «corbelha de lírios, cujas cabeças flutuavam ao movimento dos braços».

A cena era de tal ordem, que o povo sempre tumultuoso e agressivo, calava. Os próprios verdugos choravam.

Ao outro dia, uma carrêta de outro gênero dirigia-se à praça dos suplícios. Esta levava as religiosas de Montmartre.

Qual era o crime dessas criaturas que viveram no recolhimento, sem nenhuma opinião política? As moças lá se foram abraçadas à Abadessa, a senhora Montmorency, sua mãe espiritual, que chorava com elas. E elas cantavam no derradeiro instante. O povo, ávido de sensações, desviava, entretanto os olhos.

Um terceiro episódio para abreviar essas anedotas trágicas.

Entre centenas de carrêtas escoltadas por soldados, uma havia escoltada por crianças. O velho que lá estava era o Abade Fenelon, sobrinho do grande escritor Fenelon. Êle instituiu um orfanato, onde recolhia tôdas essas míseras crianças sem pão, sem tecto e sem pais. Quando souberam o destino a que levavam o seu benfeitor, saíram os órfãos em prantos, atrás do carro fúnebre. A própria Convenção ficou enternecida, mas lá estava Billand-Varennes, que lhes perguntou: Sois crianças para vos enternecer? Transigi e vereis.

O abade tinha 89 anos de uma vida de caridade. Quase não pôde subir ao cadafalso. Pediu que lhe desligassem as mãos para abençoar os seus pupilos. Quando se voltou para os seus pequenos e queridos savorianos estavam todos de joelho. O povo os imita e baixa a cabeça. E assim pereceu sacrificado aquêle santo.

Há narrativas que se tomariam como lendas se as não registrasse a história.

*

Numa das prisões parecia estar encerrado o que havia de mais belo e mais ilustre na França: D'Aiguillon, Josefina Tasher, viuva do General Beauharnais, êste guilhotinado por não ter sido feliz em combate, Tereza Cabarus, beleza peregrina, a amante de Tallien, por ter conseguido evitar grande mortandade em Bordeus.

No Templo se achavam a filha e irmã do rei. O delfim estava encerrado numa torre.

Quando vieram buscar a princesa Elisabeth, ela compreendeu ao que vinham; abraçou chorando a sobrinha e disse para consolá-la: — Já volto. —

Ao que, áspera e brutalmente, respondeu o carcereiro :— Tu não voltas mais.

E ela não voltou. Era um anjo de pureza e de bondade que a República sacrificava, como se tivera em mira expungir da pátria tudo o que havia de belo, de puro, de talentoso.

Robespierre achou conveniente tornar-se agradável a Deus, a ver se obscurecia os seus delitos e traz para a convenção a idéia da Divindade e da Imortalidade.

Os delitos é que não paravam e parece que não faltavam os motivos para levar à morte. Ladmiral quer matar Robespierre mas encontra Collot d'Herbois, atira nêle e falha. Se o demônio existisse, dir-se-ia que exerceria vigilância constante sôbre seus apaniguados. Ladmiral é prêso.

Cecile Renault vai visitar Robespierre e insiste em vê-lo. É prêsa; revidam-na e encontram um canivete. Ela diz que queria apenas ver como era um tirano. Mas lá estava um canivete, e não se podia perder um pretexto daqueles.

E então o terror aumentou, por mais incrível que pareça, e por mais difícil que fôsse o aumento.

Os partidos para se imporem, multiplicavam as imolações. Existia uma espécie de desafio entre o Comité de Segurança e o da Salvação Pública, a ver quem matava mais. Nunca os cidadãos estiveram tão pouco seguros e tão pouco salvos.

*

Havia uma Catherine Theos que se dizia profetisa. Na mesma ocasião voltava de Paris uma jovem de invulgar beleza, que tivera em seus salões os retratos do rei e da rainha. Era a Sainte Amaranthe. Ela visitava Catherine e Robespierre visitava a ela.

O Comité de Segurança e o de Salvação prenderam Catherine, todos os seus adeptos, todos os seus amigos, todos que a visitavam, e todos os seus parentes. Foi prêsa a Sainte Amaranthe e toda a família, D. Gerle, a admirável

artista Mlle. Grandmaison, e várias pessoas de teatro. Era um golpe contra Robespierre; para alcançá-lo foi toda aquela gente de roldão.

Houve cenas comoventes; a Sainte Amaranthe desmaia nos braços dos filhos; Sartine deixa cair lágrimas nas mãos da grande artista.

São presos mais todos os parentes de Cecile, que se achava inconsolável, não tanto por ela, mas por ter perdido os seus, em virtude de uma leviandade. E lhes pedia perdão em pranto.

As carrêtas atravessaram Paris durante três horas. O povo, como sempre, acompanhava-as, insultando os infelizes.

— Não querias ver um tirano — diz Ladmiral a Cecile — Ora aí os tens, aos milhares.

Foram imolados em primeiro lugar os obscuros; seguiu-se Cecile Renault, Mademoiselle Grandmaison, Ladmiral, Mme. D'E'préménil, os antigos fidalgos, Sainte Amaranthe. Sua mãe e irmã correm a abraçá-la e já encontram o corpo sem a cabeça. Foram seguindo-se os outros.

E Robespierre mudo. Deixou sacrificar suas amizades como já o fizera muitas vezes. Neste lance viamos, de um lado, o heroísmo no martírio, do outro, o mêdo no aviltamento.

Os amigos, os confidentes, o povo começou a espantar-se com a insensibilidade do grande condutor. Seus inimigos rejubilavam.

As primeiras decepções recebe-as êle na Convenção, onde até então tinha sido um ídolo.

Êle corre ao Clube dos Jacobinos onde ainda recebe algumas aclamações e apupam Collot, que fôra contra seu discurso.

Nessa noite, alguns que se julgavam muito seguros, começaram a ficar inquietos e entre êstes Fouchet.

Tereza Cabarrus envia um bilhete a Tallien, dizendo que iam levá-la ao Tribunal. Tallien responde :— Fique tranquila.

Carlos Imbassahy

O Mal é uma sombra efêmera e transitória, tecida de negrura e de ignorância. Mas o sol radiante, emanado dos Evangelhos de Jesus-Cristo, dissipará as trevas e iluminará o entendimento dos pecadores arrependidos, ansiosos pela reparação dos crimes cometidos : — eis a Redenção e a Salvação das almas.

DR. ANTÔNIO J. FREIRE.

A Angústia do Viver

Desperto, nesta manhã de inverno, tristonha e sombria, com a minha alma também envolta nas sombras de recordações dolorosas.

Grande é ainda, na Terra, cuja humanidade permanece aferrada aos estigmas da sua ancestralidade pecaminosa, a dificuldade de penetração do Evangelho nas consciências. Cada um, regra geral, busca os seus deleites sensuais acima de tudo — sem eles, nada se consegue que mereça ajuda e solidariedade dos homens.

Como espírita, educado nos princípios da Boa Nova, que meus pais erigiram em seus corações como escudos invulneráveis a tôdas as felonias do mundo, procurei também transmitir aos meus doze filhos essa regra de conduta evangélica, que os tornou afeitos à virtude e à pesquisa da verdade.

Entraram na vida de relações pela porta da honestidade e da sinceridade. Têm recebido de Deus as bênçãos que lhes dão, na simplicidade de seus hábitos, um pouco de felicidade e de paz, no convívio com a natureza; mas, dos homens, têm recebido, vêzes sem conta, sérias ofensas que enchem de angústia o meu coração.

Já não fôra bastante a incompreensão com que sou pessoalmente correspondido em todos os atos da minha atividade social, sempre movida por um ideal de regeneração humana; era ainda necessário que sôbre a alma dos meus filhos, principalmente os que perma-

necem na terra natal, descesse a mão impiedosa do desrespeito, que inúmeras vêzes tem ferido o meu coração!

E isso, mesmo sem excluir a ação de alguns confrades que se mostram completamente insensíveis à admoestação de suas próprias consciências e às advertências de nossos mentores espirituais...

E se dizem espíritas! Quando se lhes abrirá a consciência à penetração do Evangelho! Quando saberão reduzir um pouco o seu tremendo egoísmo, para se lembrarem de que há um conceito de responsabilidade moral, que não pode ser impunemente esquecido em nossas relações!

Temos de dizer, como o Cristo do alto da cruz: «Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!»

Mas é desolador que isso aconteça mesmo onde parecia que o Consolador tinha produzido os seus salutares efeitos!

O desprezo pelos princípios educativos é uma das razões essenciais que tem levado a essa triste condição a grei humana. Muitos pais tenho visto, em nossos meios espíritas, que só se preocupam com o futuro de seus filhos no âmbito planetário terrestre, dando mesmo a impressão, de que, para eles, é letra morta tudo o que afirma a Doutrina sôbre a vida de além-túmulo.

Não procuram extirpar da alma dos que lhe são confiados por Deus, filhos ou amparados, os estigmas da nossa ancestralidade pla-

netária, que é feita de tremendos egoísmos, mesquinhos interesses e materialidade contumaz. Como recebem carinhos e favores, tudo encobrem com o mantimento de uma retribuição de serviços, que se amplia ao ponto de lhes toldar a visão real das coisas, ainda as mais sérias.

Tudo isso tenho percebido, rebelando-me muitas vêzes inutilmente, comprometendo a minha tranquilidade espiritual e criando em torno de mim um círculo de isolamento doloroso. Esta preocupação de afastar os velhos dos círculos da atividade religiosa, como se fôra da mesma natureza das atividades profissionais e burocráticas, tem consequências perniciosas para a evangelização, pois que os mais jovens deixam-se embalar pelas vulgaridades da ação doutrinária mais do que pelas exigências severas da educação, da adaptação moral a um sistema de auto controle, respeito às demasias da nossa visível animalidade.

Contudo, Deus me permitirá continuar até ao fim esta jornada, tão cheia de obstáculos e de espinhos, pelos caminhos estreitos que o Cristo nos indicou, clamando sempre, sempre admoestando as consciências, em prol dos bons princípios, para a restauração dos quais, no mundo materializado em que vivemos, se acha em ação, graças à assistência dos Mensageiros de Jesus, o Consolador por Ele prometido.

«Lavai-vos, purificai-vos,

tirai a maldade de vossos atos diante dos meus olhos» — como adverte Isaias: «cessai de fazer mal: Aprendei a fazer bem; procurai o juízo; ajudai o oprimido; fazei justiça ao orfão: tratai da causa das viúvas»... para que não suceda ter o Mestre de di-

zer-vos, na hora terrível da separação, por êle predita nos Evangelhos: «APAR-TAI-VOS DE MIM, VÓS TODOS OS QUE OBRAIS A INIQUIDADE.»

Estou realmente cansado de sofrer e ver os meus filhos sofrerem por amor à

justiça, tôda sorte de ofensas e perseguições; mas ainda terei forças para, mesmo assim, prosseguir na dolorosa jornada regeneradora.

Arnaldo S. Thiago

Rio, maio de 1959.

“Experiências” na Televisão..

Deolindo Amorim



EPOIS de tantas e tão ruidosas «demonstrações» de palco, além das insistentes campanhas pela imprensa, resolveu frei Boaventura Klopemburg fazer exposições na televisão

para desacreditar o Espiritismo, no campo da fenomenologia. Em duas palestras no programa «Seleções Espiritualistas», na Rádio Guanabara, já dissemos, e vamos reafirmar agora, que as «explicações» do inquieto e ilustrado professor de Teologia nada provam contra o Espiritismo. O que o frade apresentou na televisão foi apenas um *arranjo* vulgar de levitação, incapaz de modificar as idéias de qualquer pessoa exigente ou bem dotada de espírito crítico. Com o intuito de *provar*, embora sem resultado convincente, que a base experimental ou fenomenológica do Espiritismo não passa de uma falsidade, frei Boaventura apareceu na televisão, depois de tudo previamente preparado (mesa, disposição dos lugares etc.) e executou uma cena em que lhe foi fácil levantar uma parte da mesa, por meios comuns, dando a idéia de que, com isto, estava produzindo um *fenômeno*. Afinal de contas, que tem isso com os verdadeiros fenômenos de levitação e deslocamento de objetos, sem contacto? Em se tratando, como se trata, de um homem muito inteligente, como é frei Boaventura, justiça se lhe faça, a «experiência» foi medíocre, vulgaríssima.

Em todos os ramos de investigação, como se sabe, deve prevalecer, co-

mo ponto de partida, a seguinte regra, aliás muito velha e universal: o fato de se poder imitar ou simular um fenômeno, seja de que natureza fôr, não destrói o fenômeno real, nem pode enfraquecer os elementos de convicção, quando realmente reconhecidos. Ninguém, sensatamente, seria capaz de negar o valor da Física, principalmente agora, pelo fato de haver embustes e tentativas empíricas. Quem seria capaz de por em dúvida a exatidão da matemática, somente porque muita gente faz *conta de chegar*? Então, por causa disto, iríamos dizer que a matemática é falsa, ou que não existe uma verdade matemática?!... Um indivíduo inescrupuloso, desde que saiba lidar bem com os números, pode fazer aproximações ou «combinações» numéricas para formar resultados falsos. Isto, porém, é o lado negativo, mas o lado positivo da matemática fica incólume.

Todos nós sabemos que o sofisma, em lógica, sempre foi e continua sendo até hoje uma arma temível. Quando indivíduo quer torcer uma verdade, de caso pensado, ou quando pretende justificar um absurdo, aplica todos os artifícios e malabarismos mentais, levantando sofismas até sobre as evidências mais concretas. Sofismar é armar um raciocínio intrinsecamente falso, embora com aparência de verdadeiro, para levar o adversário ao erro. Por meio de um sofisma, por exemplo, se um indivíduo quiser dizer que o outro é um elefante, encontrará justificativa capciosa, dentro de um raciocínio

adredemente *arrumado* e, às vezes, partindo de uma premissa exata: *O elefante precisa de oxigênio para viver; todo homem precisa de oxigênio; Você é homem; logo... você é um elefante, porque precisa de oxigênio para viver!* Inegavelmente, a premissa está certa, porque o animal necessita do oxigênio, como elemento de vida orgânica, mas a conclusão está intencionalmente forçada, pois não se pode partir, daí, para concluir que um homem seja um elefante, apenas pelo fato de ambos terem um ponto comum, no campo biológico: a necessidade do oxigênio. Qualquer disparate pode parecer lógico, dentro de um sofisma habilmente engendrado para encobrir uma inverdade. O sofisma pode estar *formalmente* certo, isto é, correto na forma, e inteiramente falso no conteúdo, porque não exprime a realidade. Ao lado de um raciocínio legítimo, um raciocínio honesto, portanto, pode haver um raciocínio deliberadamente falso, com todos os disfarces, embora formulado de acordo com as regras da lógica menor, mas evadido de maldade ou segundas intenções.

Na antiguidade, como se sabe, os sofistas formaram escola, na Grécia, para impugnar as teses dos filósofos. Seja como for, a verdade é que, no plano elevado das discussões metafísicas, os sofistas gregos deram muito trabalho à escola de Aristóteles. Durante muito tempo, notadamente na Idade Média, sob a influência Escolástica, os sistemas de pensamento se deixaram prender muito aos velhos silogismos aristotélicos e, daí, a reação e a ironia dos sofistas, que, muitas vezes argumentavam com inteira razão. O raciocínio silogístico chegou a se transformar em abuso, criando uma espécie de vício mental: fôsse em que terreno fôsse, logo se aplicavam umas tantas fórmulas padronizadas, tomavam-se umas tantas premissas como verdadeiras (?...) e sobre isto os mestres firmavam as suas conclusões inapeláveis. A verdade estava dentro do silogismo, que era, como até hoje, uma faca de dois gumes, porque servia para tudo: tanto se afirmava como negava, tanto se condenava como absolvía, com base no raciocínio silogístico. Ainda hoje, como reflexo da antiquada tradição de um pro-

cesso mental inteiramente defeituoso, muita gente pensa em termos de filosofia escolástica:

*a verdade é incompatível com o erro,
a verdade está na Igreja,
logo... o que está fora da Igreja é
[um erro*

Conseqüência: sendo a verdade incompatível com o erro (premissa certa), tudo o que estiver fora da Igreja deve ser condenado ou destruído (conclusão absurda!), segundo o raciocínio proposto. Temos, aí, conseqüentemente, um jogo de raciocínio, usado de má fé ou por deformação mental. Há o silogismo honesto e o silogismo desonesto, quanto à intenção. Chegamos, aqui, ao ponto que deu início a estas considerações. Então, pelo fato de haver sofismas, que procuram obscurecer a verdade, seria justo condenar a Lógica ou dizer que os seus argumentos são falsos! A Lógica é a ciência do raciocínio ou «a arte de pensar com acerto» e, por isso, tem as suas leis, o seu objetivo, os seus meios de verificação da verdade. O sofisma, no fundo, é uma contrafacção da Lógica, como a charlatanice é a degradação da Medicina, como o fanatismo é a deturpação da fé. Assim como não se pode duvidar do valor da matemática, simplesmente porque existem cálculos fictícios (um professor de matemática já nos disse, certa vez, que também se faz sofisma com números...), não se pode duvidar da legitimidade do raciocínio lógico pelo fato de haver muito raciocínio incoerente ou mal formulado, assim como não se pode desdenhar a pureza da fé, a fé inteligente e sincera, apenas porque existem fanáticos.

Vamos considerar, agora, a posição de frei Boaventura em face dos fenômenos mediúnicos. Antes de mais nada, seja-nos permitido dizer que o nosso adversário, professor de Teologia, não está sendo lógico, apesar de haver estudado Lógica, como disciplina propedêutica à Filosofia. Sim, não está sendo lógico, porque nega a realidade de um fenômeno, já comprovado em diversos lugares e por tantos homens de respeitabilidade moral e intelectual, simplesmente porque êsse fenômeno pode ser imitado na câmara de televisão. Tomar a simulação como argumento con-

tra a realidade não é critério lógico e muito menos seria um procedimento científico. Partindo de uma base duvidosa, isto é, uma «experiência» feita a seu modo, em condições especialmente preparadas para os efeitos que lhe interessam, com a mesa colocada a seu jeito, procurou frei Boaventura dar a impressão de que é muito fácil provocar a levitação de objetos, sem a intervenção de espírito do «outro mundo...» Não há quem não saiba que, por meio de *truques* de prestidigitação ou processos de mágica, aliás corriqueiros, é possível simular muitos fenômenos; há, também, muitos ilusionistas habilíssimos, cujos «trabalhos» chegam a dar a impressão de que realmente as coisas se passam como eles mostram nos palcos. Tudo isto é trivial e notório.

A fenomenologia espírita, que frei Boaventura tenta inutilmente confundir com prestidigitação, está assentada sobre bases científicas. Há, logo de início, uma falha gravíssima nas exposições de frei Boaventura: a falta de critério metodológico. Uma experiência regular, exige, antes de tudo, imparcialidade e, depois disto, condições adequadas. Ora, não houve tais condições na câmara de televisão, porque frei Boaventura não tomou a providência preliminar de estabelecer o necessário *contrôle*: ele próprio foi o agente e o dirigente da «experiência», isto é, o frade serviu de agente do «fenômeno» e, ao mesmo tempo, foi ele quem dirigiu tudo, sem a observação e a crítica de terceiro. Não tem nem poderia ter valor científico, portanto, uma «experiência» de tal natureza, inteiramente contrária às disposições do método experimental. Afinal, experiência sem *contrôle*, sem fiscalização, sem a presença de pessoas que conhecem o assunto, não é experiência, é uma exposição destituída de qualquer significação científica. Foi isto o que fez ultimamente frei Boaventura, na televisão.

Quem conhece a literatura espírita sabe muito bem que as experiências clássicas de Crookes, Zoelner, Geley e outros tantos investigadores notáveis, servindo-se de médiuns extraordinários como Florence Cook, Home, Slade e outros, obedeceu à mais rigorosa fiscalização. Houve precauções especiais; os médiuns, em determinadas ocasiões, foram até a-

marrados, enquanto os observadores, atentos, acompanharam todos os movimentos. E apesar de tudo isto, com todo o *contrôle* dos experimentadores, as mesas se ergueram sem contacto, cornetas se movimentaram no espaço etc. etc. Isto, sim, é realmente uma experiência, porque se enquadra na metodologia científica. Que valor poderia ter uma exibição, como no caso de frei Boaventura, em que somente ele é o «experimentador» o «controlador» e o «juiz»?... Frei Boaventura não fez sequer uma experiência do tipo das experiências de Zoelner, de Lombroso ou de Barrett, pois não se utilizou de nenhum médium, como não submeteu as suas «demonstrações» a nenhum julgamento severo, nem permitiu que um observador imparcial verificasse, antes, o material, a posição dos objetos, os processos empregados, etc. Isto não se compara, nem de longe, com as verdadeiras experiências espíritas. Por quê, finalmente, o digno sacerdote, que é um homem tão lido, não procura um médium de efeitos físicos, mas um médium de verdade e não qualquer impostor que apareça, para realizar experiências mediúnicas como devem ser realmente as experiências desse tipo: médiuns previamente examinados, vigilância rigorosa, local adequado, isenção de ânimo, etc. É indispensável também a presença de pessoas capazes de observar e opinar com segurança. Se assim fizer, frei Boaventura terminará reconhecendo, cedo ou tarde, que, se os *truques* bem feitos podem dar a impressão da ocorrência de fenômenos de levitação e outros fenômenos, a verdade é que, em determinada categoria de fatos, somente uma força estranha e sobrehumana pode ser admitida: o espírito. Sem se admitir a intervenção de espíritos, certos fenômenos ficam sem explicação lógica. Se frei Boaventura quer a verdade, procure proceder como procederam os grandes experimentadores, usando o verdadeiro critério científico e submetendo as suas experiências à observação e à fiscalização.

O que é importante ou decisivo no caso não é demonstrar que se pode empregar um processo qualquer para simular um fenômeno de levitação: o que é capital em tudo isso é *provar* que não

há o fenômeno ou destruir as provas já existentes na literatura espírita, apresentando argumentos convincentes. Isto, positivamente, frei Boaventura não conseguiu em suas exibições. Então, diante das próprias atitudes do frade, podemos dizer que os seus raciocínios estão firmados apenas sôbre sofisma, porque

em primeiro lugar, não podendo provar que o fenômeno de levitação não é real, porque não tem argumentos de convicção para anular as provas objetivas dêsse tipo de fenômeno, limitou as suas «experiências» a simulações parciais;

em segundo lugar, evitando uma experiência no meio espírita, para não enfrentar o problema, preferiu a televisão, sem a participação de elementos contrários;

em terceiro lugar, finalmente, tendo provado apenas que é possível *imitar* o fenômeno de levitação, o que, aliás, não é novidade, conclui sofisticadamente que tôda a fenomenologia espírita é falsa.

Não é um procedimento lógico, porque a realidade e a imitação coexistem tanto no campo mediúnico como em qualquer outro campo de fenômeno, mas daí não se pode inferir que o fato de existirem meios de imitação invalida o que há de verdadeiro e positivo, como no caso dos fenômenos de levitação. A existência do que é falso não sobrepuja o que é verdadeiro. Frei Boaventura não fez sequer uma experiência mediúnica: partiu apenas de um espetáculo de televisão, e tomou isto como base, para concluir que tudo o mais é falso. É sofisma, e puro sofisma. Frei Boaventura sabe que não é assim...

A Federação Espírita Internacional e seu órgão

A atual diretoria da F. E. I. é constituída por quatro confrades de diferentes países: Presidente — dr. Karl Muller, da Suíça, Vice — Melvin O. Smith, dos Estados Unidos, Secretário Geral — Rolf Carleson, da Suécia, e Tesoureiro — Harry Dawson, da Inglaterra, e mais o Comité executivo, também de caráter internacional. A F. E. I. em seu programa principal de atividade visa propagar os aspectos científico, filosófico e religioso por todo o mundo, respeitando porém o modo de entender de cada nação ou grupo. Quem ler o seu órgão oficial intitulado «Yours Fraternally» pequena revista trimestral, especialmente o seu número 38 (verão de 1959) notará a preocupação da presidência em difundir o aspecto tríplice e universal do Espiritismo através de editoriais e pelas vozes dos mais destacados líderes espíritas do mundo. Nada melhor para mostrar êsse programa do que dar um resumo do noticiário variado e interessante que apresenta o número 38, recém publicado. A revistinha «Seu Fraternalmente», de 32 páginas, impressa em ótimo papel, com

vários clichês publica artigos em inglês, francês e espanhol (e talvez mesmo em Esperanto) o que vem facilitar muito a sua leitura. De início, temos a «Mensagem do Presidente», que apresenta J. P. Smits, presidente da sociedade espírita Harmonia, da Holanda, e R. Rigal, confrade cubano; êstes escreveram suas idéias sôbre a doutrina. A sociedade Harmonia, publica os «Folhetos Espíritas» (mensal) e compreende 30 grupos. Segue noticiário da Finlândia, Grécia, Turquia, artigo sôbre a Reencarnação (transcrito de «Revue Spirite»), crítica do livro inglês: «Isto é Espiritismo», de M. Barbanell, e outras notícias menores. Noticiam também que a União Espírita da África do Sul lançou o boletim «Que haja luz», com 8 páginas mimeografadas. Dr. Muller, no «Canto do Pesquisador» trata de «Magnetismo e Hipnotismo» tema ainda do momento, apesar de muito antigo, e finalmente é noticiado o 1.º Centenário da Igreja Espírita de Filadélfia, por onde passou vultos como o professor Hare, o juiz Edmonds, o médium Jackson

Davis, etc. Há nesse número duas referências ao Brasil, a primeira, congratulações a «Revista Internacional do Espiritismo» pelo seu 34.º ano de publicação, e a segunda, a filiação valiosa do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, com sede no Rio, à F. E. I.

Dr. Muller é um incansável propagandista e pesquisador, veterano no movimento; conhecedor de várias línguas (alemão, francês, inglês, espanhol, dinamarquês, etc.) viajou recentemente aos países nórdicos, onde fez palestras ilustradas em torno da reencarnação e da filosofia espírita. No momento a F. E. I. preocupa-se com a realização de mais um Congresso Espírita Internacional, que foi marcado para setembro de 1960, em Londres.

Desejamos que as entidades federativas estaduais e de âmbito nacional sigam o exemplo do Inst. de Cultura Espírita, do Rio, filiando-se a F. E. I. e colaborem para o êxito do congresso londrino, para a difusão cada vez maior do Espiritismo, por todos os recantos do mundo.

N. B. — «Yours Fraternally» pode ser assinado (4 shillings por ano) por meio da «Spiritualists National Union», 200 Church Road, Cheam, Surrey, En-

gland e as adesões a F. E. I. podem ser feitas à Secretaria Geral, em Wennerbergsgatan 5, Estocolmo, Suécia.

Cicero Pimentel

S. André, 6-9-1959.

ERRATA (dr. Karl Muller)

Por lamentável caso de homonímia, os trabalhos sobre radiação do corpo humano que atribuímos ao dr. Karl E. Muller, presidente da Fed. Espírita Internacional (ver n.º de março, pág. 42) pertencem na realidade ao eng. E. K. Muller, também suíço, porém desencarnado há anos. Agradecemos muito a carta do dr. Karl E. Muller, de Zurich que amavelmente nos alertou, dizendo que muitas vezes fato semelhante ocorrera com outras pessoas. Retificamos então que o livro «Prova objetiva e elétrica da existência de emanção do corpo humano», 1932, Bale, Suíça, é de autoria do psiquista eng. E. K. Muller; montou um instituto de cura pela corrente elétrica, chamado «Salus», ainda atualmente existente, em Zurich, e dirigido por seu filho.

C. Pimentel

S. André, 15-9-1959.

Artilharia Cósmica da Terra ataca a Lua, ameaçando Vênus e Marte

Se bem que o Homem da Terra ainda não conseguira implantar a ordem dentro da sua própria casa planetária, onde reinam os mais graves desentendimentos no seio da família humana, mesmo assim, apesar desta lamentável negligência espiritual, não deixam de ser elogiáveis os seus sucessos preliminares no contato com as outras moradas do céu.

Este seu esforço iniciou-se com uma série de laboriosas sondagens das altas camadas atmosféricas, através de foguetes que iam e voltavam com laboratórios miniaturas, até que na data de 4-10-1957 conseguiu colocar o primeiro

satélite artificial (Sputnik I) ao redor da Terra. Esta proeza marcara a entrada de uma nova era na história da nossa Ciência, com a abertura dos primeiros caminhos dos abismos siderais. Logo a seguir outros satélites foram lançados no céu e hoje, fora os que já se desintegraram, sete deles ainda se movimentam na órbita terrestre, com as seguintes denominações: Sputnik III, Explorer I, Vanguard I, Explorer IV, Vanguard II, Discoverer V, Discoverer VI, e mais o Explorer VII lançado em Outubro último.

Com este predomínio inicial sobre o espaço, as atenções depois convergi-

ram para a Lua (natural), a qual passou a ser alvo dos nossos artilheiros, preparados para a caça dos mundos, e dois perigosos arremêssos ameaçaram a placidez do nosso astro da noite, cujos projéteis precipitaram-se nos profundos abismos da órbita solar. Êstes ataques deram-se nos dias 5 de Janeiro e 6 de Março dêste mesmo ano, pelos soviéticos e americanos respectivamente.

Embora sem que atingissem o objetivo, o êxito revelou-se excelente, pelo magnífico potencial demonstrado pela artilharia cósmica terrestre, no alcance das grandes distâncias interplanetárias. Com nova orientação, reajustou-se a pontaria para um terceiro ataque e, quando a Lua entrou no campo de tiro visado, acionou-se o disparo, ocasião em que um tremendo rastro de fogo rasgou o véu atmosférico terrestre, para logo mais o balístico fender a quietude do solo lunar, com magistral precisão dos seus autores, os soviéticos.

É possível que alguns leitores comentem, como sabermos se o alvo fôra atingido, considerando-se que as nossas lentes não registram pela visualidade um objeto assim diminuto, na região da Lua.

Mas a explicação é a seguinte: O pequeno corpo arremessado levava em seu bôjo minúscula estação emissora de ondas de rádio, que desde o lançamento passaram a ser captadas pelos nossos receptores. Ora, sabendo-se a distância Terra-Lua e a velocidade do projétil, calculou-se o tempo exato em que êle deveria percorrer êsse trajeto. Com êstes dados, os autores da memorável façanha, logo após o tiro de partida, forneceram os informes para outras estações receptoras, anunciando a hora, minutos e segundos em que o projétil deveria atingir o disco lunar. Não sendo possível acompanhá-lo visualmente, até o seu destino em mira, os seus sinais de rádio, que estavam sendo captados, acusariam a chegada ao deixarem de ser emitidos pela destruição da pequena emissora, no impacto com a crosta lunar.

Na hipótese de que não acertasse no alvo celeste, o pequeno corpo continuaria na sua caminhada, o que se revelaria pelas suas emissões que prosseguiriam para além da hora marcada pa-

ra o trajeto calculado. Assim aconteceu para os dois primeiros arremêssos, que ultrapassando a região lunar suas emisoras funcionaram até a distância de 597.000 e 660.000 quilômetros, para um e outro, ou seja, muito além do objetivo visado, uma vez que a separação Terra-Lua acha-se na média de 384.000 quilômetros.

Foi então que, pela escuta, sem necessidade de se estar observando a meta de ataque, todos os receptores, que estavam recebendo os sinais da emissora do balístico, deixaram repentinamente de perceber estas mensagens, exatamente na hora calculada, com uma insignificante diferença de 83 segundos, cujo êrro nada representa pela extensão do maravilhoso feito. E assim também se compreende que não houve alunissagem, que neste caso seria uma descida suave, mas sim, um tremendo baque de queda.

Contudo, como já dissemos, que seria pela escuta o conhecimento de chegada, pois o objeto arremessado não era visível; não se quer dizer com isto que os nossos observadores não estivessem atentos nos seus campos óticos, aguardando algo que pudesse suceder no momento exato. Com esta precaução não se viu o balístico, mas no instante do impacto os observatórios de Moscow e de Buenos Aires acusaram uma escura mancha, em determinada região do solo lunar, revelando tratar-se de uma nuvem de pó elevada pelo choque do projétil. Nestas condições, a estranha mancha serviu de mais uma confirmação de que os artilheiros terrestres conseguiram realmente ferir, pela primeira vez, um astro do nosso céu.

Prosseguindo, ainda os soviéticos, após êsse feliz tiro, iniciaram a 4 de Outubro último um arrojado trabalho de sondagem, visando explorar outras condições desconhecidas da Lua. Para tanto, lançaram naquele céu lunar um satélite laboratório (Lunik III) em autêntico vôo de reconhecimento.

Apesar de que os realizadores de mais essa maravilhosa etapa não declararam antecipadamente as particularidades do trajeto do laboratório «voador», as notícias expedidas informam que o novo astro metálico vem realizando satisfatoriamente a missão pré-estabelecida.

Até o instante em que redigimos estas linhas, o novo habitante do céu já havia ultrapassado em contôrno à Lua, iniciando o retôrno em direção a Terra, cujos resultados finais não nos deu tempo inseri-los neste trabalho.

Mas como estamos vendo, essas realizações indicam que praticamente a Lua já caiu sob o poder do Homem da Terra, ficando sob a mira da nossa artilharia cósmica, que deverá repetir outras atividades, precedendo um futuro assalto dos nossos expedicionários em preparo, para captura definitiva da prêsa celeste. Esta investida será uma das mais difíceis tarefas, considerando-se que naquele astro, além de não existir qualquer espécie de alimentos dos nossos hábitos, inclusive água e ar, os exploradores terão também que levar proteção especial contra altas e baixas temperaturas, ainda sem falarmos nos problemas de alunissagem, pois ali, pela falta de camadas atmosféricas, não funcionam para-quedas, se bem que esperamos algumas vantagens no sistema de retro-foguetes, amortecedores de choques.

Mas se lembrarmos que há alguns anos passados não acreditávamos na fabricação de luas metálicas que seriam colocadas na órbita do nosso planêta, e hoje êstes astros artificiais são produzidos em série, podemos então aguardar com otimismo e confiança de que os nossos cientistas prosseguirão vitoriosos, na conquista dos outros mundos. Assim, se os sucessos que se vem alcançando não perderem o ritmo, não tardará em que a Lua seja transformada em base para nossa artilharia cósmica, colocando Vênus e Marte sob a nossa pontaria, sugeitos à mesma sorte do nosso satélite natural, desde que também se revelem «terras de ninguém».

Um ataque, com base no solo lunar, será muito mais fácil, pois ali os nossos balísticos não terão o obstáculo de uma atmosfera, como a terrestre, e a fraca atração do astro facilitará a fuga dos projéteis nos seus impulsos de saída. Também, os nossos observadores terão ali uma visão mais límpida do céu,

vantagem esta que muito facilitará para melhores sondagens sôbre a habitabilidade dos outros mundos mais próximos.

É lógico, que se soubermos que Vênus e Marte, ou um dêles, sejam habitados proferiremos enviar para lá uma expedição amistosa, com recomendações de cortezia, ao invés de um cartão de visita tipo foguete, a exemplo do que vimos fazendo com a Lua sem habitantes que pudessem reagir ao fogo das baterias terrestres.

Esperamos que a nossa ciência prossiga cada vez mais gloriosa nos seus descortinamentos dos mistérios do Universo, mas estejamos certos que apesar de tôdas essas maravilhas científicas, o Homem continuará sendo sempre o mesmo, escravo de sua própria ambição, enquanto não descobrir que a verdadeira felicidade não está fora de si, ou nos outros mundos, mas dentro do seu próprio «eu», ou seja, no aperfeiçoamento de sua alma, através do amor, justiça e verdade.

V. O. Casella

15-10-1959

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Correspondência

— Recebemos um exemplar do mensário «Libertação», jornal com excelente matéria doutrinária, sob a responsabilidade dos confrades Dr. Gil Perche de Menezes e sr. Salvador Gentile. A distribuição é gratuita aos que enviarem nome e enderêço para aquela redação, pela Cx. Postal 47, Araras, Est. de S. Paulo.

— Também do «Grupo de Trabalho Emanuel», sito a Rua Tabatinguera, 121—Casa 2—São Paulo, neste mesmo Estado, recebemos opúsculos e folhetos, com mensagens de Emanuel.

Agradecemos as gentilezas, e muito apreciamos as referidas literaturas.

V. O. Casella

Com a vossa fé, caridade e obediência aos preceitos evangélicos construistes uma ponte entre os dois mundos. É por essa ponte que passamos para vos levar o pão do espírito. Conservai-a, portanto. — CAMARGO.

Abraham Lincoln e o Espiritismo



De «Unificação», de Agosto de 1959



Miss Nettie Colburn morava em Albany, onde fazia sessões, falando os Espíritos por seu intermédio.

Era considerada pessoa muito simples, tímida e perfeitamente honesta.

Durante a guerra de secessão, seu irmão, havendo adoecido, obteve licença, mas perdeu o respectivo documento. Nettie, que tinha vindo a Washington, em companhia da mãe, para cuidar do enfêrmo, ficou muito aflita, porque a perda da licença o obrigava a voltar ao serviço para justificar a falta.

Achava-se ela em casa de correli-gionários, e êstes conheciam alguém que, na Casa Branca, muito se interessava pelos fenômenos espíritas.

Era a própria espôsa do presidente, a qual entretinha relações com alguns médiuns.

Falaram-lhe na jovem Nettie que, em estado de inconsciência, fazia curiosas revelações.

A mulher do presidente manifestou desejo de vê-la, e como Nettie se lhe apresentasse com os olhos avermelhados pelas lágrimas, que a ocorrência relativa ao irmão fazia-a verter, foram logo tomadas as necessárias providências para ser sanada a falta.

Miss Nettie, a quem essa boa notícia restituiu a tranqüilidade, achava-se em ótimas condições para realizar a sessão, e, depois de ouvi-la, a senhora Lincoln pediu-lhe que ficasse em Washington, a fim de apresentá-la ao marido.

Refere a nossa médium, na história de sua vida, a grande comoção que sentira, quando, tôda trêmula, se apresentou nessa recepção, em palácio, na qual devia encontrar o primeiro magistrado da República.

Entretanto, quem a recebia com muita amabilidade era a senhora Lincoln, e a apresentava em seguida a duas outras pessoas.

Esperavam o presidente, que já tardava.

A amiga de Nettie, a senhora Milles, que também era médium de fenô-

menos físicos, sentiu-se impelida para o piano, que se achava aberto.

Sentou-se ao mesmo e, durante algum tempo, ficou com os dedos imóveis sôbre as teclas à espera da ação dos Espíritos... De repente, fêz ouvir uma marcha triunfal, tocada como se fôsse por mão de mestre. Às últimas notas, Miss Nettie olha fixamente para a porta: entrava o presidente.

Ele fêz algumas perguntas à médium, que, perturbada e confusa, como uma acanhada menina de escola, respondeu-lhe com os monossilabos «sim» e «não».

— Afinal, inquire o presidente de que modo procedeis para falar «aos Espíritos?»

Intervém então a amiga de Nettie, sugerindo a idéia de formar-se um círculo, não havendo, porém, necessidade da cadeia de mãos, como se costumava praticar. Foram estas as últimas palavras ouvidas pela jovem Nettie, que caiu logo em estado de inconsciência.

Eis o que se passou em seguida:

Essa franzina mocinha, que, ainda há pouco, comovida e tímida, não ousava articular outras palavras mais que «sim» e «não», quando a interrogava o presidente, dirigiu-se ao mesmo e falou-lhe em voz firme.

A princípio ocupou-se de certos assuntos, que somente Lincoln parecia compreender. Depois a voz, adquirindo um acento forte e másculo, abordou o problema do dia — a Proclamação da Emancipação, declarando ao presidente que não modificasse de modo nenhum as suas intenções, e, servindo-se de uma linguagem enérgica e solene, intimou o chefe da nação para que a data da proclamação não ultrapassasse o fim do ano (1), devendo ser êsse ato o coroamento de sua legislatura e de sua vida.

«Cumprê não dar ouvidos, dizia a inspirada, àquêles que aconselham o adiamento; cumprê permanecer firme em suas convicções, executar a tarefa, realizar enfim a missão que a Providência lhe há confiado».

Declararam testemunhas presenciais que «com tanta majestade foram pronunciadas as últimas palavras, com tanta eloquência e em termos tão nobres e alevantados que pareciam ordens emanadas de algum arcanjo».

Voltando ao estado normal, Miss Nettie deparou com o presidente, que se assentara e, de braços cruzados, fixava-lhe o olhar admirado.

Cheia de perturbação, a médium, procurando recordar-se do lugar em que se achava, afasta-se no meio do profundo silêncio que todos guardavam.

Afinal, um dos assistentes, amigo íntimo de Lincoln, perguntou-lhe à meia voz se não havia notado alguma coisa de especial no modo de discorrer do orador, a quem acabavam de ouvir. O presidente teve um estremecimento, como se saísse de um sonho, e, erguendo a mão — foi esta a sua silenciosa resposta — apontou para um retrato que pendia da parede.

O retrato era do ardente chefe de partido, o grande Daniel Webster, cuja eloquência irresistível vibrara outrora no Senado e sempre sôbre o interminável problema da escravidão.

— Se não me julgais indiscreto, murmurou Snr. Somes, poderei perguntar se efetivamente, Snr. presidente, houve pressão, como a voz revelou, para ser adiada a proclamação?

Com um sorriso benévolo, respondeu Lincoln:

— Nas atuais circunstâncias a pergunta vem muito a propósito. Posso dizer que me é preciso empregar tôda a minha vontade e todos os meus esforços para resistir a essa pressão que exige o adiamento...

E, voltando-se para a jovem médium, disse:

— Minha filha, possúis um dom verdadeiramente extraordinário. Que êle venha de Deus, não o duvido. Agradeço a vossa vinda até aqui, esta noite. É mais importante do que podem supor tôdas as outras pessoas presentes. Espero ainda ver-vos.

E retirou-se.

«Certo dia, a Snra. Lincoln avisou a Miss Nettie que iria, em companhia de algumas pessoas, assistir a uma das suas sessões.

Na tarde dêsse mesmo dia, o «Espírito familiar» da médium anunciou

que o presidente Lincoln compareceria também à sessão: mas as pessoas do círculo ficaram em dúvida, parecendo-lhes pouco provável que o presidente fôsse a uma casa particular para assistir a uma «sessão espírita».

Quando, porém, o carro presidencial parou, ao aproximar-se a hora da sessão, à porta de Miss Nettie, o Snr. Laurie foi ao encontro de Lincoln dizendo-lhe:

— Seja bem-vindo, Snr. Presidente; já o esperávamos.

— Como me esperavam, se, há poucos minutos, eu não sabia que tinha de vir aqui?

Lincoln acabara de conferenciar com os ministros, e encontrando-se com a espôsa, prestes a sair com alguns amigos, perguntou-lhe maquinalmente onde ia.

— A uma sessão, em casa de Nettie — foi a resposta.

— Espera um pouco; irei também. Assim narrou Lincoln o incidente, sublinhando a surpresa que lhe causaram as palavras do Snr. Laurie. Foi-lhe comunicada então a referida mensagem, anunciando antecipadamente a sua vinda.

Mostrando-se satisfeito, Lincoln, depois de ouvir um pouco de música, perguntou a Miss Nettie «se não tinha alguma comunicação a fazer-lhe».

— Talvez «os outros» queiram falar-vos, respondeu a moça.

Um «terceiro», com efeito, falou, e não era um desconhecido. Era aquêle que na Terra foi o Dr. Bamford, e que agora, Espírito liberto, se incorporava à médium, falando com o seu antigo modo de falar. A sua linguagem franca inspirava confiança a todos, Lincoln inclusive.

Veremos como essa confiança era bem fundada, como a sessão, de que ora nos ocupamos, é digna de ser rememorada. Um invisível dá conselhos ao chefe de um grande Estado e prescreve-lhe um ato de que ninguém havia cogitado, e, caso notável, o supremo magistrado da República, na plenitude de suas fôrças, com a sua vasta e culta inteligência e largo descortino de estadista, julga os conselhos, segue-os à risca, reconhecendo a intervenção direta de uma potência extra-normal, obedecendo-lhe.

Dupla lição.

Naqueles dias, grande era o desassossêgo do povo americano. A situação do exército não era a de quem venciam...

O presidente estava sitiado por todos os lados, sofrendo pressão do seu próprio partido, para ceder às exigências dos escravagistas. O Congresso não era favorável à libertação.

Tempos verdadeiramente sombrios.

Foi então que o «Dr. Bamford» tomou a palavra.

Falou longamente, pela bôca de Miss Nettie, sôbre a situação do exército. Declarou que regimentos inteiros estavam dispostos a depor as armas e voltar para os lares; que a ordem e a disciplina haviam abandonado as fileiras, estando iminentes gravíssimas perturbações...

Os assistentes pareciam consternados, salvo Lincoln que, reconhecendo exatas as informações sôbre o exército, perguntou ao Dr. Bamford se não podia indicar algum remédio para melhorar-lhe a situação.

—Sim, disse o doutor, se tiverdes a coragem de empregá-lo.

—Ponha-me à prova, respondeu Lincoln, sorrindo.

—«O que vos tenho a dizer, continuou o Dr. Bamford, é tão simples que talvez sereis levado a supor que a medida é insuficiente, à vista das atuais circunstâncias. O que é, entretanto, certo é que o meio para conjurar o perigo só de vós depende; está em vossas mãos. Ide, em pessoa, visitar o exército; ide só, levando apenas vossa mulher e filhos. Nada de oficiais convosco; nenhuma escolta.

«Ide com tôda a simplicidade e falai aos soldados. Perguntai-lhes quais são as suas queixas; mostrai-vos, como sois na realidade: o pai do vosso povo.

«Procurai fazer compreender aos soldados que vos interessam as suas provações, as suas queixas, as suas mágoas, as suas desventuras, depois de tantos combates, depois de tantas marchas difíceis através de regiões pantanosas, onde caíram mortos tantos companheiros.

«E para evitar o perigo iminente, é preciso que amanhã mesmo seja publicada a notícia de vossa visita ao exército.

O Dr. Bamford discorreu em seguida sôbre a guerra, em geral; predis-

se-lhe o fim e que Lincoln, dentro de dois anos, seria reeleito. (2)

Quando o doutor acabou de falar, perguntaram a Lincoln se os negócios do país estavam assim tão comprometidos.

O presidente respondeu que não havia exageração, e, exigindo dos assistentes que guardassem silêncio e nada revelassem, acrescentou, apontando para um oficial:

—Este oficial bem sabe, porque acaba de dar-me informações sôbre a situação do exército. É exato o que nos disse o Dr. Bamford. Sôbre êsse assunto versou hoje a conferência ministerial, e, ao encerrá-la, não sei porque resolvi acompanhar minha mulher até aqui. Julgo ser o conselho do doutor o melhor possível; tenho observado que fatos aparentemente de pequena importância têm muitas vêzes grande influência nos acontecimentos...

O presidente assim falou, como se estivesse pensando em voz alta, em solilóquio, sem se preocupar com as pessoas que, em respeitoso silêncio, o ouviam.

No dia seguinte—era um domingo — a Gazeta anunciou, em grandes letras, a próxima visita do presidente, com a família, ao exército, demonstrando assim que os conselhos do Dr. Bamford tinham sido seguidos à risca.

Essa visita é um fato histórico e produziu os melhores resultados.

Os soldados ouviram Lincoln e o carregaram sôbre os ombros através do acampamento, fazendo-lhe extraordinária ovação.

Grande foi o entusiasmo popular.

O presidente deixou o exército unido, tendo-o animado e fortalecido.

As intrigas oposicionistas tinham-se infiltrado nas fileiras. Os adversários haviam assoalhado que os representantes do govêrno levavam, em Washington, uma vida de luxo, de dissipação e de prazeres enquanto as tropas eram sacrificadas nessa terrível luta.

Eis aí porque o Dr. Bamford aconselhou a visita nos têrmos indicados, para que Lincoln se apresentasse ao exército com a sua grande simplicidade e bondade, com tôda a grandeza de sua alma.

Registremos aqui que a Snra. Lin-

coln, que tinha grande confiança na predição do Espírito e concorrido para a visita, ficou realmente satisfeita com o feliz resultado obtido».

CLÉMENS

(De «*L'Intervention des Invisibles dans l'Histoire Moderne*»)

(1) Era em setembro de 1862. A Proclamação foi publicada em 1.º de janeiro de 1863.

(2) Lincoln foi efetivamente reeleito em 1865.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

37—O Almirante foi, pessoalmente, conversar, a sério, comigo. Admirei-me, pois espacera suas visitas à Paraíba. Procurou convencer-me a ficar, mas Marília advogou nossa saída. Alegou meu definhamento, meu esgotamento nervoso, a perda diária de minha saúde. Calei, porque ela estava com a razão. Já não tinha mais coragem de lutar com tantos fatores contrários.

38—Deixamos Paraíba do Sul, em uma madrugada triste de Julho, porque tristes trouxemos os corações. A despedida com os internos foi dolorosa. Apesar dos esforços que fizemos para não despertá-los, despertaram todos. Cabisbaixos, quase todos choravam. Até os moços. Não falaram. Não falamos. Falavam as nossas e as lágrimas dêles. Mãe, Marília, Leopoldina, arrazadas. Eu, mais forte, porém, com o coração sangrando. À entrada do carro, falou, aos soluços, o menorzinho dêles, sete anos, a quem chamávamos Saazinho: «E agora, como vai ficar o Saazinho, sem vocês?» Suas palavras foram respondidas pelos soluços dolorosos de minha mãe, esposa e irmã. Meu rosto estava banhado de lágrimas. Também não pude proferir palavra...

39 — Eram trinta e seis os internos de quem nos despedimos e o Saazinho por sua idade, tinha os cuidados especiais dos três corações femininos de minha família e do meu que sempre desejara um herdeiro.

40 — Viagem tristíssima, de automóvel, por Petrópolis, de Paraíba ao Rio. Poucas palavras trocamos. Eu, co-

ração mais duro, reagi logo. As lágrimas das três as acompanharam até o Rio.

41—A chegada à casa do meu sogro aquietou um pouco os seus corações. Casa cheia, família grande e força-de-vontade consolaram aquêles corações maguadíssimos.

CAPÍTULO XXXV

De novo, no Rio

1 — Eu e Marília, doentes, começamos a pensar, todos, na vida. Meu esgotamento físico e mental e ela em estado interessante. Poucas economias. Contava, apenas, com nove contos de réis, no Banco do Brasil e oito em quotas. Gastamos muito dinheiro em remédios. Foi o dr. Sebastião Tamanqueira o nosso médico, que ficou muito nosso amigo.

2 — Ficamos na casa do sogro, a mesma casa, aliás, onde morara com o Lima e o Estrêla, anos atrás, à rua José Bonifácio, número quarenta e quatro. Ajudava o aluguel da casa e pagava a pensão de minha família, porque jamais fui homem de amar favores.

3 — Melhorando um pouco, tratei de pensar no lugar em que pretendia fundar um colégio meu. Fui com o sogro a Santa Cruz, procurar o dr. Cesário de Melo, conhecido daquele. Não tivemos boa acolhida do homem, então político de destaque. E não gostei do lugar.

4—Tivemos a surpresa de recebermos o menino Daicy Almeida que não suportara o internato de Paraíba, sem nós. Seus pais o trouxeram, pedindo fi-

cássemos com êle, de qualquer modo, na casa dos pais de Marília. Aquiecermos, ficando minha irmã encarregada de prepará-lo para os exames de admissão ao Colégio Militar, primeira época. Foram felizes, professora e aluno, porque ingressou, na época desejada, no referido Colégio.

5—Recebemos a visita de um primo de Marília, noivo da filha do coronel Alberto Melo, então prefeito de Iguassú, a quem já conhecíamos, porque fomos professores, no Nacional do Meier, de três filhos seus. Conversando conosco, o rapaz lembrou procurássemos seu futuro sogro, porque talvez Iguassú comportasse um Colégio.

6—Munimo-nos de uma carta-apresentação de Manoel Quintão para os espíritas da cidade, pois para o coronel Alberto não carecíamos de apresentações.

7 — Atrazamos a vinda a esta cidade onde pretendemos permanecer até a morte, por causa do nascimento do nosso primeiro e único herdeiro. Nasceu morto, mas parto natural e ótimo. Não amargamos uma grande decepção porque a nossa religião a evitou. Marília, então, já estava quase espírita. Os obsessores que a judiaram em Paraíba e seu nível de raciocínio a fizeram analisar sensatamente o Espiritismo.

8—Não tive coragem de ver meu filho morto, contudo. Criança gorda e perfeita. Chamar-se-ia Leopoldo, se nascesse vivo. Se tivéssemos uma filha, chamar-se-ia Marília.

9—Mãe e Leopoldina quase não paravam em casa, depois dos exames do Daicy. Faziam as refeições com o Lima e só vinham dormir. Percebi, embora nada dissessem, que não estavam satisfeitas. A tristeza de minha mãe apertou-me o desejo de fundar, o mais depressa possível, o meu colégio. E rumei para Iguassú, logo depois do restabelecimento completo de Marília.

10 — Antes, tomara parte em um concurso de contos, conseguindo o primeiro lugar, na Vida Doméstica. Só soube que fôra premiado, quando já estava em Nova Iguassú.

11 — Não recebi visita do Almirante nem de ninguém de sua família. Mais uma decepção: não me acreditou, não me apoiou, não me compreendeu...

12 — Chegando à Nova Iguassú, ainda encontrei o nome de *Maxambomba*. Acostumei-me com Iguassú com dois ss e não me conformei e não me conformarei nunca com Iguassú com ç. A propósito, lembro-me de um poeta amigo que dizia quando da primeira reforma ortográfica: «lírio sem y, parece não ter a forma nem o perfume da flor. Imitando-o, digo: Iguassú com ç parece não conter tôda a grandeza que o município encerra. Jamais escrevi e jamais escreverei Iguassú com ç.

13 — Chegando, repito, à Nova Iguassú, procurei, em primeiro lugar, Vitorino Eloy dos Santos. Na sua simplicidade, achou que nada podia fazer por mim, alegando ser humilde ferroviário. Apresentou-me ao Francisco Pimenta, dentista, que, na sua opinião, tinha muito prestígio. Francisco Pimenta recebeu-me bem, levando-me às pessoas mais indicadas, no seu modo de pensar, para o caso. Fomos primeiro, ao prof. Augusto Paris.

14—Augusto Paris recebeu-me secamente. Desaconselhou-me a pensar em colégio, alegando ser o magistério a profissão mais ingrata do mundo. «Ninguém reconhece o valor do professor», arrematou amargo.

15—Eu vira, à entrada de sua escola, onde é hoje o Pôsto de Saúde, uma placa comemorativa do seu aniversário, onde se lia a oferta de seus discípulos. Retruquei: se fôsse como o diz, não teria o senhor recebido tão expressivo presente. Desconversou, desajeitado.

16 — Francisco Pimenta levou-me à Prefeitura, onde conheci o coronel Nicolau e reví o Prefeito. Fomos depois à casa do velho Joaquim Tinoco que pôz uma casa sua, às minhas ordens, para aluguel. Para um pequeno colégio, a casa se prestava bem.

17 — Visitamos, depois, o «Correio da Lavoura». Seu diretor, o saudoso e inesquecível Silvino de Azeredo, entusiasmou-se com a fundação do colégio e publicou logo uma nota sôbre ela. Tôda a cidade soube do movimento e tratei de preparar as carteiras, mesas e os móveis indispensáveis ao meu pequeno educandário. Firmamos, eu e o velho Silvino, uma amizade que o tempo não esfriou. Provei a minha gratidão ao bom amigo, dando seu nome a uma das sa-

las do meu colégio, com o seu retrato, querida oferta de seu filho Luiz, também grande amigo.

18 — Visitamos, ainda, o sr. Deoclécio Dias Machado cujo filho era nosso provável aluno. Foi o único provável aluno que visitei e que não procurou o meu ginásio. Fui, porém, depois, professor de dois filhos do sr. Deoclécio, aliás ótimos meninos que fizeram conosco todo o curso ginásial.

19 — Limpa e arrumada a casa, inaugurei meu educandário modesto, a primeiro de fevereiro de mil novecentos e trinta. Doze alunos apenas, dos quais seis internos que deixaram Paraíba, mal souberam eu havia fundado o *Ginásio Leopoldo*.

20 — Inauguração simples, porém alegre e expressiva. Contou com a presença de alunos de Paraíba do Sul, do coronel Alberto Melo, prefeito, Silvino de Azeredo e Sebastião Herculano de Mattos, outro grande e saúdoso amigo que encontrei em Iguassú, do dentista Francisco Pimenta e famílias dos seis alunos da cidade e algumas dos internos.

21—Eu e minha família passamos a morar no colégio. Minha mãe rejuvenesceu com a saída da casa alheia. Contenta e disposta, passou a fazer o serviço de limpeza, auxiliada por uma empregada. Eu gastara o meu dinheirinho junto, nos pertences da escola. Não podia pagar zelador. Leopoldina assumira a secretaria e duas turmas. Marília, direção de cozinha e duas turmas, também; eu, a direção do ginásio e o curso de admissão.

22 — Comêço duro, porém todos alegres e dispostos. Que saudades tudo isto me traz! Período cheio de trabalhos, mas quanta persistência e idealismo em todos, até naquela velhinha de sessenta anos que, por sua incultura, não podia ocupar a cátedra de professora; mas, por amor do filho jamais tivera vergonha de varrer as dependências do colégio, mesmo à frente de alunos e visitas.

Que possas receber, minha mãe, onde estiveres, tôda a minha gratidão à tua santa humildade e todo o orgulho que sempre senti de ser teu filho!...

Deus não marca ninguém

EM algumas regiões brasileiras, em rincões sertanejos ouvem-se com frequência ditos populares que rareiam já nas capitais, enunciados que felizmente desaparecerão com o tempo e que o Espiritismo ensina não terem razão de ser em face da luz espiritual. Diante da ingratidão, da falseta, do malfeito de uma pessoa portadora de marca física ou de aleijão, lá vem fatalmente o enunciado «filosófico» desamoroso incidindo sôbre o defeito corporal do autor do fato. É um vêzo lamentável, anti-evangélico. Ora, irmãos, mas se aponto um vêzo descaridoso de humildes sertanejos que nunca viram a escola, devo confessar que, embora só em pensamento, também eu fui réu, antigamente, dêsse mesmo desamor aos semelhantes menos favorecidos no físico. E disso, arrependido de coração já pedi e peço perdão a Deus...

Há não muitos anos atrás, antes do meu feliz chegar à doutrina dos Espíritos, automática e firmemente já acreditava na pluralidade dos mundos habitados, na reencarnação, e de que a Terra era rampa de provas árduas, de expiação. Então formei com simpleza — para mim sómente —, um raciocínio, que, se ingênuo e bobo na ocasião, mantido hoje seria tremendamente pretencioso, orgulhoso, integralmente estúpido. Mas, nós todos temos a possibilidade de nos libertar de muitos prejuizos, então agora graças a Deus vou um tanto mais esclarecido quanto às verdades, dizentes das coisas espirituais, coisas de transcendência a se ligarem à existência da criatura dêste planêta Terra. Imaginem, caros confrades que naquele tempo me julgava uma criatura de existência progressa, de vida anterior sem débitos espirituais relevantes, consistentes, ponderáveis. Admitia-me imperfei-

to ainda, sim, pois sopesava seguro que vivia num mundo de adiantamento relativo, mas não me admitia como grande devedor do pretérito. Raciocinava sincero não poder haver tido um ontem leviano, de estulto, que não fôra um aproveitador de prerrogativas, das qualidades próprias, de situações; não fôra um infringidor de poderes, de leis humanas e disposições sociais. Sempre de mim para mim, quase admitia-me um ex-justo, um sujeito de vivência anterior justa! Muito lindo tudo isso, não é verdade? Até glorioso tal balanço psicológico...

E sabem os irmãos o porquê de tôda essa auto-apreciação assim auto-elogiadora e camarada e «justiceira»? Exatamente porque via-me e sentia-me em corpo saudável com regular boa cabeça, bons olhos, bons braços e mãos, boas pernas e bons pés!...

Notem como na análise pueril, terreníssima, tão amorável e caridosa para o meu ego, para a minha individualidade, quanto havia de temerário juízo, de arbítrio e apriorismo, de descaridade maciça e frontal contra os que não tinham corpo saudável, não tinham boa a cabeça, bons os olhos, braços e mãos e pernas e pés eficientes! O meu raciocínio não alcançara ainda que a dor e as deficiências físicas representam muitíssimas vezes a pura solicitação pre-encarnatória da criatura mesma, a fim de, através do forte testemunho cumprido, progredir espiritualmente com rapidez! Mas, o que sabia eu das luminuras do Espiritismo? Um nada. Por isso aquêlê pobre, temerário raciocinar, por isso aquelas minhas ilações de lógica assim terra-terra; ilações infelizes nas quais incidem outras criaturas.

Evidente que naquele tempo era maior do que agora a minha ignorância acêrca da imensa misericórdia do Pai Célestial. Não vou à blasfêmia de dizer que agora estou na posse plena da munificência divina; ela é infinita como o Seu sublime Fulcro é infinito. A munificência, a misericórdia de Deus se patenteia de mil formas no mundo que nos rodeia, e para êsse patentear basta a nossa disposição de observar, de ponderar, de sentir. Outrotanto eu não irei mentir dizendo que presentemente obtive informes ou revelação de que no pretérito não fui bom ou mau — nada

sei se fui um justo ou um perverso. Sei é que graças a Deus vou disposto a vencer mais um milímetro inicial no conhecimento da luminosa doutrina espírita cristã, doutrina codificada na hora precisa e sob a inspiração do Alto por um insígne Espírito que na Terra chamou-se Allan Kardec desde os drúidas.

Irmãos, hoje até eu sei desta claridade: às vêzes são tantos e tão graves os nossos débitos espirituais que o inabarcável amor do Pai permite não os saldemos numa só encarnação. Deus dá muitas, dá repetidas encarnações à criatura com pagamento amenizado de saldos. Mercê de Deus, nem sempre estaremos pagando dentro de uma encarnação TODOS os débitos contraídos na existência antecedente, transata. Se com vistas ao aperfeiçoamento espiritual Deus dá muitas encarnações à boa criatura, muitas mais Êle dará às almas grandes devedoras a fim de quitação de débitos. O Criador dá tôdas as oportunidades para a criatura recuperar-se, melhorar-se, evoluir. Todos têm sua oportunidade em Deus, e a ninguém de nós é dado saber os méritos espirituais próprios, não é dado saber nem é dado o direito de julgar os méritos e deméritos espirituais dos outros. Não mergulhemos pois na presunção e temeridade que tecem sempre comparações favoráveis a nós desfavorecendo nossos semelhantes.

Outrossim, irmãos, a misericórdia de Deus acompanhando reencarnações sucessivas da criatura, resulta na cristalina realidade de que não há para nenhum de nós CRUZ pesada demais às nossas fôrças. Ponto êste para a constante e integral meditação dos que consideram o seu cotidiano demasiado penoso, o seu viver demasiado na doença, demasiado triste e amargo. Meditemos sim na verdade perene da CRUZ NUNCA EXORBITADA nós todos que nos desalentamos, que nos deixamos tentar pelo desespero, que acolhemos idéias de revolta desvairada. Porque, verdadeiramente, demasiada sim é a tolerância, a paternalidade de Deus para conosco, que fizemos do mundo de ontem e de hoje imensa esplanada de malfeitos, de malevolências, de impudência, de hipocrisias e iniquidades.

João Custódio Machado

Uma Lição e um Modêlo

Às 10,30 do dia 13 de Julho de 1959, fechou os olhos como para entrar num sono tranqüilo, sem dor nem abalos, e deixou seu frágil corpinho físico o nosso querido companheiro de lides espíritas e esperantistas, João Custódio Machado, em Tupaciguara, Minas Gerais, com a idade de 27 anos e 4 meses, pois que nascera em 13 de Março de 1932.

Seu corpo físico não teve o desenvolvimento normal: chegou apenas a 60 centímetros de altura; sem ossificação completa; tinha o pescoço, o tronco, as pernas ineptos para se erguer, e os braços e mãos muito frágeis. Vivia numa cadeira de rodas.

Com tôdas essas limitações físicas, era um grande idealista e conseguiu como autodidata uma invejável cultura. Perfeito possuidor do Esperanto e ardoroso propagandista, fundou em sua cidade a «Livraria Esperanto» e era agente das revistas estrangeiras, inclusive uma da China.

Em cartas de 1956 convidava-nos êle para Redator-Chefe de uma revista espírita que pretendia fundar em Esperanto, para divulgar a Doutrina pelo mundo. Desaconselhámos o empreendimento, por nos não parecer maduro o tempo para isso: seus sacrifícios não poderiam dar os resultados idealizados.

Era um dos mais entusiastas propagandistas do ideal simbolizado no triângulo.

o o

Sua projetada revista chamar-se-ia «Triopo» (O Trio).

Era presidente da Juventude Espírita de sua cidade e trabalhava entusiasticamente na construção de um ginásio para os pobres que não pudessem pagar o ensino secundário. A pedra fundamental do «Ginásio Esperança» foi colocada por Divaldo Pereira Franco, que por duas vêzes visitou aquela cidade a convite de João Custódio Machado.

Em discurso ao descer o corpo à

sepultura, disse Emmanuel Martins Chaves com muita propriedade:

«Tinha o corpo completamente mutilado, sòmente sendo perfeita a cabeça; mas, apesar disso, era o consòlo dos afritos, conselheiro seguro e dono de uma cultura invulgar.»

Êsse espírito superior era feliz com seus ideais, com seu sublime altruismo, porque não tinha tempo de pensar em si mesmo nem de se lembrar de suas limitações: a dor do próximo e o bem geral o absorviam totalmente.

Vê-lo era lembrar logo de «Memórias de um Suicida», de um daqueles que foram preparados na Colônia Maria de Nazaré, para uma encarnação simultaneamente de expiação, prova e missão, e nos três aspectos triunfou êle galhardamente.

Para a ciência materialista tal homem seria um mistério indecifrável; mas para a filosofia espírita é um caso encantador de vitória contra o passado e conquista do futuro, realizada por um espírito já muito adiantado em moral e inteligência. E' preciosa lição e modelo para todos nós. A Lei severa e justa se cumpriu em seu corpo, mas seu espírito pairava acima do sofrimento físico, trabalhando na preparação do porvir da Humanidade, e por isso em sua própria redenção.

Teve sempre um anjo a seu lado velando noite e dia por êle: a mais extremosa das mães, D. Albertina Machado, também espírita fervorosa, mãe de treze filhos, e que acolheu ainda em seu lar mais dez órfãos e os criou com o mesmo carinho dedicado a seus próprios filhos.

O amor imenso de D. Albertina pelo filho fisicamente anormal muito suavizava neste o rigor da Lei de Justiça divina.

A vida de João Custódio Machado nos ensina que a severidade da lei de carma pode ficar quase anulada pe-

la misericórdia divina, quando recebida com ânimo forte, sem revolta e com muito amor ao próximo.

Das cidades vizinhas afluíram espíritas, esperantistas, amigos e admiradores para prestarem a última homenagem ao belo Espírito, cujo pequeno ataúde desceu à sepultura envolto na bandeira verde do Esperanto que êle

amava muito e ao qual dedicou todo o seu talento.

Foi um modelo a seguirmos, uma lição a aprendermos.

Obrigado, caro amigo!

Ismael Gomes Braga

De «Reformador», de Setembro.

Crônica Estrangeira

1.000 Ministros concorrem para a divulgação das verdades psíquicas

De «Two Worlds»

Mais de 1.000 ministros e Bispos de todos os credos, agora estão cooperando com «Spiritual Frontiers Fellowship», uma organização americana que propaga o conhecimento psíquico entre igrejas ortodoxas.

Arthur Ford, médium americano altamente dotado, que demonstrou sua brilhante mediunidade ante a citada organização, revelou êste fato quando êle fez *história* psíquica, ao pregar em uma das maiores igrejas ortodoxas de Montreal, isto há poucos dias.

O Dr. Rawson, Ministro da Igreja Unida St. James, confessou seu interesse pessoal em assuntos psíquicos, antes de apresentar Ford a uma congregação de 1.200 assistentes, nesse serviço de domingo à noite.

Depois de explicar as atividades mediunísticas de Ford, êle se referiu à sua vasta bibliotéca, dizendo que ao menos quatrocentos livros tratavam de assuntos psíquicos. «Por curiosidade iniciiei minha investigação treze anos atrás», disse o Dr. Rawson, «mas agora sinto ser uma necessidade».

Durante quase uma hora, depois de sua alocação, Ford respondeu a uma variedade de perguntas da congregação. Ao terminar, o Dr. Rawson perguntou aos presentes se êles apreciariam a volta de Ford e houve um unânime «Sim».

Jovem «Morta» leva o Clérigo ao Pai moribundo

«Two Worlds»

Se entidades somente existem na mente, como podem elas fechar, abrir portas, deslocar móveis e tocar campainhas?

Herbert E. Wiseman faz estas perguntas no «Humanist», o jornal Racionalista, que publicou o parecer de Anthony Flew que sustentou serem «halucinações subjetivas» as entidades espirituais.

Wiseman cita a «Ressurreição de Jesus Cristo», um livreto escrito pelo Rev. Dr. Leslie Watherhead. Êste famoso ministro Metodista cita as experiências de um colega que foi levado do seu escritório, numa noite tempestuosa, pelo violento tinido da sua campainha.

Êle encontrou, de pé do lado de fora, uma jovem mulher que reconheceu ter pertencido a sua congregação num distrito próximo que êle deixara 18 meses antes. Ela lhe pediu vir e orar com seu pai moribundo, em sua casa distante 5 quilómetros.

Depois de juntos se arrastarem através do vento e chuva, ela desapareceu subitamente, quando a mãe abriu a porta.

Depois de orar com o moribundo, o clérigo foi informado que a filha falecera um ano atrás.

Wiseman também relata uma sessão, em que sua mulher cumpriu a promessa feita ao falecer, de sua materialização completa em presença de 24 pessoas. O médium foi Alec Harris.



A figura parada

De «Estudos Psíquicos»

Há desgostos providenciais que nos aliviam e salvam às vêzes de tragédias irremediáveis. Foi o que se deu com a senhora K. Perrin, de 14, Fleck Street, Dan Piennaar, Bloemfontein, África do Sul, que descreveu o caso de uma aparição que lhe salvou o marido.

—Minha irmã — diz ela — despertou um dia e viu uma figura parada à entrada da porta, brilhante como se estivesse inteiramente coberta de fósforo. Ficou tão aterrorizada, que chamou minha mãe para ver o fenômeno, o qual se extinguiu em seguida. Mas ambas pensaram que era mau presságio para meu irmão que tencionava seguir numa expedição de pesca. Minha mãe sentira um vago pressentimento, quando êle lhe pediu que o chamasse muito cedo e por duas vêzes hesitou em fazê-lo, acabando por não o acordar. Quando, mais tarde, meu irmão se levantou, mostrou-se aborrecido por não ter despertado e lhe ser impossível embarcar. Mas o seu desgosto foi consideravelmente atenuado, embora com tristeza, ao saber que o barco se tinha afundado com tôda a tripulação.

Teria aquela figura estranha apreciado no intuito de contribuir para que o irmão da articulista se não levantasse a tempo de seguir na expedição? É provável; de outro modo, não teria surgido no dia em que se deu o acontecimento.



A profecia de Henri Heine

De «Estudos Psíquicos»

Juliette Laine escreveu numa revista inglêsa que os historiadores se ocuparam sempre com enorme curiosidade da percepção extra-sensorial do grande poeta alemão Henri Heine, amigo íntimo do compositor de óperas Vincenzo Bellini. Uma noite Henri Heine assistiu a um serão em Pateaux, nos arredores de Paris, onde o músico vivia.

A meio da reunião, que decorria animadamente, o jovem compositor sentou-se ao piano para tocar uma das suas criações, quando Heine abandonou súbitamente a sua cadeira, atravessou lentamente a sala e pôs as mãos sobre as de Bellini, interrompendo a execução numa brilhante passagem.

Tôda a gente se entreolhou com surpresa e suspirou de horror, quando o místico alemão exclamou solenemente e sàdicamente :

—Meu amigo, prepare-se, que vai morrer brevemente.

Bellini desprende as mãos das de Heine e afastou-se apavorado. Êste, em seguida, voltando-se para os convidados, prosseguiu :

—É lamentável que os gênios morram freqüentemente jovens! Lembrem-se de Rafael, Pergolesi, Mozart, Byron. E agora...

Bellini, lívido e descomposto, fêz cruces e figas, como faziam os italianos para evitar ou neutralizar um «mau olhado».

Três dias depois, Bellini morria de inflamação intestinal. Tinha apenas 34 anos. A profecia de Heine era trágicamente verdadeira...



Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.º ano Cr.\$250,00	Do 20.º ano Cr.\$ 200,00	Do 27.º ano Cr.\$180,00
Do 4.º ano . . 250,00	Do 21.º ano . . 200,00	Do 28.º ano . 180,00
Do 5.º ano . . 250,00	Do 22.º ano . . 200,00	Do 29.º ano . 180,00
Do 6.º ano . . 250,00	Do 23.º ano . . 200,00	Do 30.º ano . 180,00
Do 7.º ano . . 250,00	Do 24.º ano . . 200,00	Do 31.º ano . 180,00
Do 18.º ano . . 200,00	Do 25.º ano . . 200,00	Do 32.º ano . 180,00
Do 19.º ano . . 200,00	Do 26.º ano . . 200,00	Do 33.º ano . 180,00

Bibliotéca Espírita «Braille» Liberal Del Picchia

Quem é Liberal Del Picchia ?

E' um cego que há anos vem colaborando para a Biblioteca do Livro do Cego, no Brasil.

E' o Vovô dos copistas como lá o chamam.

Um dia, em conversa com colaboradores espíritas, êle demonstrou um desejo:

«Porque não fazermos uma Biblioteca Espírita Braille? Foi no Espiritismo que eu encontrei luz para a noite de minha cegueira. Foram seus ensinamentos que me deram fôrça e coragem para caminhar com resignação, carregando a carga de minha provação. Porque não levamos, para meus companheiros cegos a luz bendita do Espiritismo que ilumina há mais de cinquenta anos, o meu caminho de trevas?»

Foi assim que êle e seus

companheiros de crença, deram início à organização da Biblioteca Espírita «Liberal Del Picchia».

Iniciada essa Biblioteca há dois anos, conta já com 200 volumes, sendo a maioria dêles trabalho do Sr. Liberal que com sua máquina de escrever «Braille», passa os dias transcrevendo obras espíritas para o «Braille».

Essas obras acham-se à disposição dos que desejarem fazer uso delas. Pouco se pede para isso: somente cuidado e amor para com os livros.

Devemos a êsse admirável trabalho do nosso irmão Liberal, a cooperação eficiente e espontânea de nossa irmã Maria do Carmo Barbosa que não vem poupando esforços no sentido de dar maior realce à louvável iniciativa.

Façamos, meus amigos, uma visita cordial a êsses nossos abnegados irmãos e à sua Biblioteca Espírita «Braille».

Temos certeza de que êles nos receberão com grande alegria e mesmo com grande transbordamento d'alma.

Dediquemos pois, ao nosso irmão Liberal, todo nosso apôio a fim de que êle prossiga na sua obra, por todos os títulos, honrosa. Peçamos-lhe que seja êle intérprete do nosso afeto, respeito e admiração junto aos demais irmãos que os visitam.

Anotem, pois, meus amigos, o enderêço da referida Biblioteca que está à disposição dos interessados, tôdas as quartas-feiras à rua Brigadeiro Melo, 60, S. Paulo—Telefone, 52-2807.

HENRIQUE CONDE

Espiritismo no Brasil

Retiro Espiritual

Como não prestamos vassalagem ao rei Momo e atendendo, com muito prazer, a convite que nos foi gentilmente dirigido pelo confrade e distinto amigo Dr. Agnelo Morato, visitamos a graciosa cidade de Franca nos dias de carnaval, afim de assistirmos a inauguração da nova séde do Centro Espírita Esperança e Fé.

Muito difícil se torna descrever o ambiente fraternal em que vivemos durante os dois dias em que ali nos encontramos, desde o reinante no Lar amoroso daquele nosso confrade, até aos abraços amigos de todos os outros companheiros de ideal, com quem convive-

mos horas agradáveis, que jamais serão esquecidas.

Franca, além das suas belezas naturais, é uma cidade limpa, bem ordenada e culta, pois possui estabelecimentos de ensino em grande número e muito capazes, que por si só a recomendam como centro de cultura. No panorama espírita, na nossa modesta opinião, tem lugar de relevância, pois no seu programa de trabalho nada foi descuidado, desde o campo cultural, ao assistencial e espiritual. Impressionou-nos deveras a visita feita ao Instituto Pestalozzi, estabelecimento de ensino muito eficiente e que representa um sacrifício sem limites da parte do seu diretor, nosso prezado confrade Dr. Tomaz Novelino, que além de elevadíssima cul-

tura espírita, possui-a também em todos os outros setores do saber humano. Fomós informados do seu espírito de sacrifício em benefício do seu semelhante, bem como da sua intransigência na defesa dos princípios doutrinários. Investigador arguto e dedicado, acima dos seus interesses pessoais de qualquer ordem, atende com prontidão e carinho aos dos seus semelhantes, e tudo isto com uma modéstia verdadeiramente impressionante. A par de tanta ignorância que ainda reina na maioria, acompanhada de enorme egoísmo, como tonifica termos contato com vultos desta natureza!

Descrever o movimento assistencial mantido pelos nossos Confrades francanos, é tarefa além da nossa capacidade. Ele é tão grande em número, qualidade e eficiência, que só poeta consagrado e inspirado o poderá cantar. Cantado! perguntarão muitos. Diremos, sim! pois trabalho dessa natureza só poderá ser cantado porque a prosa nunca poderá exaltar o seu verdadeiro valor, de maneira a fazer-nos viver a melodia alegre e divina que reina em tal ambiente, do qual só nos apercebemos após dêle termos retirado.

A Casa de Saúde «Allan Kardec», cujo Provedor-Gerente é o nosso confrade José Russo, é um estabelecimento ideal para débeis mentais. Como seu diretor clínico, o nosso confrade e preclaro amigo Dr. Tomaz Novelino, o que por si só é uma garantia clínica.

Graças à amabilidade de José Russo, que fêz questão de acompanhar-nos na visita ao estabelecimento, tudo nos foi franqueado e explicado. Desde os dormitórios ao «Túmulo dos Vivos» (como êle próprio designou os pátios onde durante o dia permanecem os doentes, e cujo título serviu para uma obra por êle escrita e esgotada), até aos refeitórios, dormitórios, sala de trabalhos práticos e teóricos de espiritismo, tudo apresenta uma limpeza impressionante, tornando assim o ambiente agradável, apesar do panorama de provação e resgate de cada um dos internados. Em cada um dêles um drama que facilmente se adivinha, mas também quantas dívidas saldadas? Como és grande, racional e boa, bendita lei de reencarnação, pois só o fato de conhecer-te faz-nos

compreender a razão de tanta dor, tanta miséria e tanta desigualdade!

José Russo, ilustre jornalista e escritor, com a sua dedicação de quasi 25 anos a tão árdua tarefa, de tudo se desincumbe. Uma palmadinha amiga áquelle doente, uma mentira piedosa a outro, a concordância aparente com um absurdo apresentado ainda por outro, fazem dêle um ótimo equilibrador no meio de tanto desequilíbrio.

Nesta modelar casa de saúde está ainda instalada a redação do jornal espírita «A Nova Era», com um apostolado de 31 anos de inestimáveis serviços à causa espírita, contando entre os seus colaboradores com nomes sobejamente conhecidos pela dedicação à Doutrina que a todos irmana.

Nosso presado confrade José Russo amavelmente acompanhou-nos ainda ao Centro Espírita «Judas Iscariotes», o qual possui um salão para teatro, conferências e outras reuniões para muito público, que é um modelo em todos os sentidos. Pena é, no entanto, que não seja aproveitado há muito tempo, segundo aquilo que nos informaram. No mesmo Centro estão instalados ainda vários setores de trabalho pertencentes ao referido Centro, desde a sala de trabalhos práticos de espiritismo, até as oficinas de costura, etc., etc. Anexo encontra-se o Albergue Noturno, o qual faz parte do Departamento Assistencial do mesmo Centro, com uma secção masculina e outro feminina que têm apreciável movimento. Nos fundos do terreno onde se encontra construído o Centro, começou o dinâmico José Russo a construção de novo edifício constituído de vários pavilhões, os quais se destinam aos velhos desamparados, de ambos os sexos.

Parabens, José Russo, e para a frente, que auxílio não lhe faltará para tão sublime tarefa.

Visitamos ainda o Lar Infantil José Marques Garcia, que achamos modelar. Ali são recolhidas as crianças desamparadas. Sem luxo, mas com o indispensável, pois desta maneira não sofrerão amanhã a realidade da vida, que tanto poderá ser risonha como cheia de dificuldades, lutas e sacrifícios. O indispensável aliado ao carinho, só poderá dar ambiente benéfico em todos os sentidos, e isso não falta naquele Lar.

Por amabilidade do nosso querido Dr. Agnelo, visitamos ainda o edifício, em fase de construção, no qual vai ser instalado o «Nosso Lar Espírita», e que é constituído por vários pavilhões. Sentimos estar ali uma obra que irá ser das maiores e com a qual os francanos poderão contar num futuro próximo. Esta convicção é produto das informações que obtivemos àcerca da sua idealizadora, D. Leonor Neves Gomes, que não tem medido esforços, dedicação e amor para levar a cabo tão sublime obra. Não tivemos o prazer de conhecer esta nossa confrade, isto em pessoa, mas a sua abnegação fala tão alto que nos levou a senti-la bem de perto, como irmã fraternal e missionária do Bem.

Finalmente chegou a hora da inauguração do novo prédio do Centro Espírita Esperança e Fé, que na verdade foi o acontecimento que nos levou a Franca. Em todos os rostos estava estampada a alegria por tão grande acontecimento, pois a conclusão desta tarefa dava oportunidade a muitos de iniciarem satisfatoriamente outras oportunidades de grande alcance no campo cultural, assistencial e espiritual. Estavam realmente habilitados para atenderem com carinho e amor a todos aquêles que ocorrem aos centros espíritas procurando lenitivo para os seus sofrimentos de toda a espécie. Como facilmente se compreende, participamos também dêsse jubilo sem fim, pois nos sentimos perfeitamente integrados no ambiente reinante. Lá estava radioso, dinâmico e bondoso o nosso Dr. Agnelo, como um dos baluartes de tão auspiciosa como abençoada obra. Os jovens também não escondiam o seu gôso espiritual por verem levada a cabo tão árdua tarefa, como é nos dia de hoje a construção de um edifício a todos os títulos esplêndido, tanto nas suas linhas arquitetônicas como na disposição dos compartimentos de maneira a satisfazerem as necessidades para os quais foram criados. Além disso, estamos certos que êles viam nessa obra e nos seus objetivos, alguns em franco desenvolvimentos e outros já idealizados, uma diretriz sadia e exemplar para a obra que amanhã terão a seu cuidado. O exemplo para êstes moços tem sido tão salutar, que êles próprios não estão inativos, mantendo já obras assis-

tenciais de real valor; como seja o amparo a viúvas desamparadas, às quais proporcionam casa e demais necessidades indispensáveis. O exemplo dos da velha guarda tem produzido os seus frutos naqueles corações que, por assim dizer, ainda estão a desabrochar para a vida.

Um conjunto musical, dava notas melodiosas na abertura da sessão solene de inauguração do prédio.

Representantes de autoridades locais, de coletividades culturais, religiosas e filantrópicas fizeram-se representar no ato solene, demonstrando desta forma uma alta compreensão de solidariedade nos objetivos comuns, como são os de caráter beneficente, cultural e espiritual. Esta é uma das notas que muito nos apraz registrar.

Após vários números de harmoniosa música, falou o presidente do Centro, nosso estimado confrade Dr. Agnelo Morato. Pela sua palavra fluente todos ficaram a conhecer os fins do Centro Espírita Esperança e Fé.

Foram ditos vários recitativos com verdadeira mestria e que nos encantaram deveras.

Novamente em ação o batalhador José Russo, agora com a palavra para dizer da sua satisfação pela conclusão do novo edifício que por si só, fala do esforço da equipe espírita francana, o qual visa servir ao próximo e à divulgação da doutrina que a todos impulsiona para a prática do Bem, bem como para a cultura espírita e elevação das almas, afim de poder ser estabelecido o reino de Deus na Terra.

Em seguida é dada a palavra ao eminente amigo e confrade Dr. Tomaz Novelino, que com a mestria por todos nós conhecida, traça um breve histórico do Centro e das suas finalidades. Refere-se ainda às belezas da doutrina espírita, que a par da lógica irrefutável de suas teorias, contém bálsamo salutar para os sofrimentos de toda a espécie, e cuja finalidade é a evolução de todos os espíritos pela prática do Bem e pelo conhecimento das coisas.

Da mesa faziam parte alguns descendentes do benemérito espírita José Marques Garcia, a quem o movimento espírita francano muito ficou a dever no setor assistencial, pois a maior parte das obras hoje mantidas naquela ci-

dade falam do seu espírito de renúncia. Nesta conformidade, foi concedida a palavra a seu filho, nosso prezado confrade, cujo nome nos escapou, que cheio de entusiasmo falou da sua satisfação pela concretização do sonho de todos, como era a inauguração da nova sede. Disse estar certo que essa felicidade era extensiva a todos os que contribuíram para tal, tanto no plano terreno como no espiritual.

Dada a palavra ao presidente da 3.^a Concentração das Campanhas da Fraternidade «Auta de Sousa», o jovem e dinâmico confrade Dr. José Simão Camelo, fomos brindados com um belo improviso, o qual teve a finalidade de chamar a nossa atenção para a dedicação que devemos ter pela prática do Bem e do amor ao próximo, procurando desta maneira servirmos a Jesus.

Quando terminou a sessão solene inaugural, todos demonstravam um júbilo sem limites, mostrando assim o muito interesse votado pelos irmãos francanos às coisas do espírito, provando desta forma que estão bem integrados no ensino crístico: «O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei».

No dia seguinte tivemos ainda a satisfação de visitar o «Diário da Tarde», tendo sido recebidos pelo seu redator Snr. José Roberto Correia que nos dispensou a melhor atenção e acolhimento fidalgo. Fazemos votos para as maiores prosperidades a êste Diário, ao mesmo tempo que agradecemos a gentileza daquele ilustre jornalista, cujas atenções nos cativaram deveras.

Neste mesmo dia, domingo de carnaval, fomos visitar o programa espírita radiofônico, que é atirado ao ar pela Rádio H. E. R. T. Z. cujo trabalho nos satisfaz realmente, por ser muito objetivo.

Passamos mais de uma vez, neste dia, pela Séde do Centro, tendo verificado, com muita satisfação, que os jovens caravaneiros da Campanha da Fraternidade «Auta de Sousa», alheios aos folguedos carnavalescos, estavam todos dedicados ao problema da fraternidade cristã. Que beleza! Que elevação! A par de tantos desvários por êsse mundo afora, como é salutar encontrarmos jovens com esta mentalidade renovadora, procurando tornar a humanidade mais fe-

liz pela observância das máximas cristãs.

Apesar de todo o ambiente benéfico em que vivíamos, os ponteiros do relógio avançavam e eram quasi 21 horas, o que significava a hora da partida para o nosso lar em São Paulo.

O estimado Dr. Agnelo, amável como sempre, conduziu-nos ao «Comêta» e com um longo abraço nos despedimos.

Na viagem revíamos tudo quanto nos foi dado ver em Franca, e, ao contrário do costume, adormecemos durante o percurso, serenos e felizes. Quando acordamos já estávamos em Campinas e ainda nos julgávamos em Franca. Esfregamos os olhos ainda sonolentos e exclamamos conôscos mesmo: passamos dois dias em retiro espiritual! Não em retiro extático, improdutivo e místico, mas dinâmico, repleto de lições e de fé racional.

Fernando Campos Ferreira da Cunha

S. Paulo, 16 de Fevereiro de 1959.



Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião mensal ordinária,
realizada em 3 de Outubro de 1959

À hora regimental, faz o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos, lembrando as datas de 3 e 5 de Outubro, comemorativas do nascimento do Codificador, Allan Kardec, e da assinatura do «Pacto Áureo». Informa que, pela Hora Espiritualista «João Pinto Souza», o Conselheiro Geraldo de Aquino fará irradiar um programa de comemorações, às oito horas da manhã do dia 4, devendo falar representantes da FEB, do C. F. N. e da Juventude Espírita da Federação, além de outros oradores. Em prosseguimento às comemorações, a FEB realizará, em sua sede, sessão pública, no domingo, às dezesseis horas, sendo orador o Confrade Prof. Divaldo Franco.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto comunica que a Liga do Distrito Federal comemorará igualmente a passagem do 1.^o decênio do «Pacto Áureo», no dia 5, às 20 horas, convi-

dando o Conselho e a Diretoria da Federação para a solenidade.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão comunica resoluções do Conselho Deliberativo Estadual, recomendando solenes comemorações do 10.^o aniversário do «Pacto Áureo», em 4 do corrente; realização da Convenção de Educadores Espíritas, em Ribeirão Preto, de 6 a 10 de Janeiro de 1960; realização em S. Paulo, de cursos de dirigentes de sessões e orientação de médiuns, e atualização do registro das organizações espíritas do Estado.

Pará — O Conselheiro Ramiro Gama diz da ótima impressão colhida em sua visita ao Estado do Pará, prometendo um relatório de tudo o que viu, na Bahia, Pernambuco, Ceará e Pará, cujas Federações visitou.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Walter Mascarenhas informa sôbre o trabalho contínuo da Federação Fluminense, nas reuniões, Semanas Espíritas concentrações e visitas em todo o Estado.

Detêm-se os Srs. Conselheiros no exame de vários assuntos de interesse da Doutrina, entre os quais a notícia trazida pelo Presidente, do pedido da

biografia de Allan Kardec pelo jornal americano «Psychic Observer», periódico que há pouco traduziu o artigo publicado em «REFORMADOR» sob o título «JUDAS REDIMIDO». Com a prece final feita pelo representante do Estado do Rio, encerrou o Presidente a reunião, precisamente às desesseis horas.

Os nossos Agradecimentos

A nossa Revista se apresenta, neste número, com um novo cabeçalho e a sua parte interna, de artigos, tôda composta em tipo novo.

Todo êsse material custou muito dinheiro, mas conseguimos adquiri-lo, graças aos nossos constantes assinantes e, em grande parte, aos presados confrades e amigos que generosamente nos têm auxiliado, concorrendo com sua boa vontade para que possamos levar avante esta difícil tarefa.

A todos, pois, o nosso sincero reconhecimento, o nosso muito obrigado.

Rezende homenagem Kardec

Com a presença de elevado número de irmãos e confrades, a Diretoria do Centro Espírita «Flora de Araujo», comemorou no dia 4 de outubro do corrente ano, a passagem do 155.^o aniversário de nascimento do grande missionário Allan Kardec.

A solenidade teve início às 9 horas, com a cerimônia do lançamento da pedra fundamental da Escola Primária «Allan Kardec», que será construída no Bairro Paraíso nesta cidade, em um terreno de propriedade do Centro. Falaram na oportunidade, os nossos irmãos e confrades, Sírio Silva e José Otávio da Frota.

Às 15 horas na sede do

Centro, dando prosseguimento ao programa estabelecido, o Professor Newton Gonçalves de Barros, proferiu uma bela conferência, versando sôbre a personalidade do codificador do Espiritismo.

O orador com a sua palavra fluente e vibrante, prendeu durante 1 hora e 20 minutos, a atenção daqueles que superlotavam o grande e amplo salão de estudos da Casa de Flora.

Às 17 horas com a prece proferida pelo irmão Frota, o irmão Araujo, que presidia os trabalhos, deu os mesmos por encerrados.

Do Correspondente.

15.a Semana Espírita

A União Municipal Espírita de Bauru, colaborando

com a USE de São Paulo e o Conselho Regional da 8.^a Região e com o apoio de numerosas outras entidades sociais, promoveu a 15.^a Semana Espírita, daquela Região, entre os dias 19 e 24 de outubro passado, fazendo realizar solenidades em Bauru, Lençóis Paulista, Pirajuí, Lins e Jau.

Segundo foi anunciado, foram oradores nessas solenidades, falando cada um numa cidade, os confrades Herculano Pires, Luiz F. Giglio, Jonny Doin e Jacob Holzmann Netto.

No Mundo Astral só têm valor e cotação os pergaminhos de nobreza moral expressos no altruísmo e na humildade cristã. Eis a moeda corrente do outro lado do túmulo.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obtê-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.\$ 120,00 e mais Cr \$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.\$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.^a edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos seres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.\$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 90,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

À venda na Livraria «O Clarim».

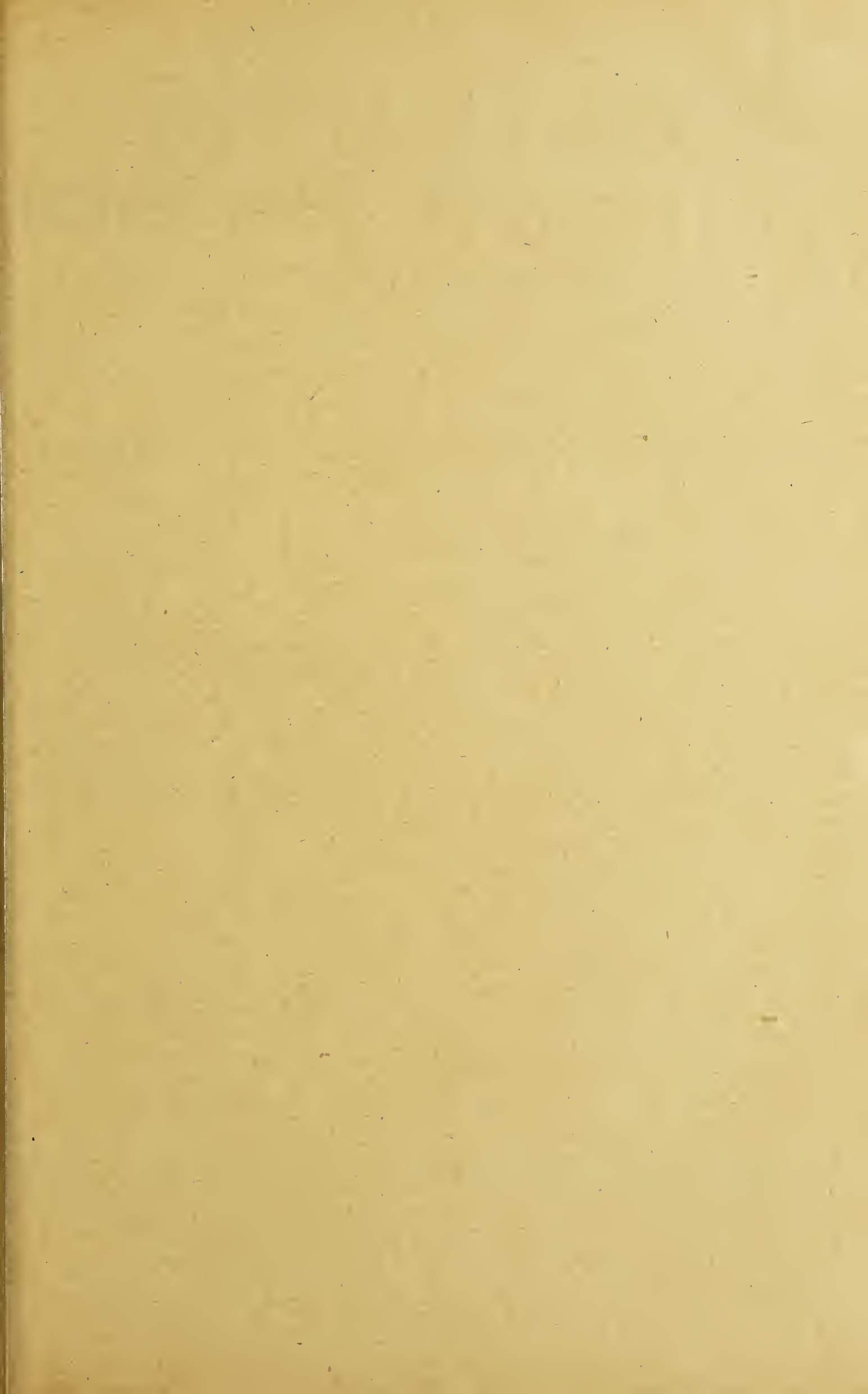
Preço : Cr. \$ 20,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

À venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr\$ 25,00 e mais cr\$ 6,00 para o porte e registro.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$120,00
Semestre	—	„ „	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	„ „	90,00

NUMERO AVULSO CR.\$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

